

*1-32 atenção à série de files <da-1-22> - selected works <92-10-26> - revisão muito apurada em quinta-feira, 9 de Outubro de 2003 <da - 1> 22 páginas merge de 18 files wri - os dossiês da imunidade - notícias do pêndulo - **diário de um aprendiz** - relendo guillé - notas de leitura -> **segunda-feira, 2 de Maio de 2005-> nova revisão e talvez definitiva para lançar em pdf -> boa viagem***

ALQUIMIA E METAIS

<da-1><diario92>

O TRUQUE DO CVD

Cabo, 26/10/1992 - Cada nova tecnologia alternativa que surge para nos libertar do sistema, vem necessariamente acompanhada da sua contrafacção. É a normal perversidade inerente a um sistema perverso. Para distinguir a fraude do produto genuíno, convém estar prevenido, imunizado. E nada melhor do que uma mineralização harmónica para discernir o produto genuíno da fraude. O truque do CVD, ensinado por Michio Kushi, também tem esse objectivo. Além de outros objectivos, afinar o discernimento. Tornar menos baço e mais transparente o «prisma receptor», como diria o nosso amigo Jean-Noel Kerviel.

+

<da-2><diario92>< c/ emendas >

METAIS E MINERAIS: A RESPOSTA DA MEDICINA QUÍMICA

Quando se fala em informação vibratória, não se trata apenas de dar nomes diferentes à mesma coisa. Um perfume, por exemplo, é uma informação vibratória e, enquanto total, poderá ser encarado de forma muito diferente. Um som é uma informação vibratória e, como tal, distingue-se, por exemplo, do Ruído que é um excesso, uma overdose tóxica de informação: e como toda a overdose de informação, actua diversa e perversamente. Também uma cor é uma informação vibratória, mas o mundo mediático, nomeadamente a televisão, mais uma vez transformou em overdose o que só tinha um sentido de harmonia quando em dose biológica exacta.

Pergunto-me se com os minerais não acontece o mesmo: tóxicos em excesso, mas indispensáveis à vida na quantidade mínima exacta e na exacta proporção entre si. Quando se colocou a hipótese de tentar com iões metálicos não radioactivos uma defesa profiláctica contra radiações ionizantes, era a mesma a lógica proposta.

No caso do cancro, sabe-se que a célula cancerosa é ávida de metais, entre os quais o ferro. Disse-o Etienne Guillé, entre outros investigadores. Mas a medicina, como resposta a um estado de anemia provocado por um tumor, tem apenas a medicação do ferro, que é tóxico e apenas vai encorajar o desenvolvimento do Cancro. Como é possível que não haja ainda hoje uma solução segura para ultrapassar este ciclo vicioso, um dos muitos ciclos viciosos em que a medicação química coloca o doente.

Todo o problema do universo humano se poderá «resumir» ao problema da informação: melhor, que a informação infinita, disponível no espaço infinito do cosmos e do universo, circule. Esta é a *big* questão. E a doença surge logo que haja um bloqueio de informação, seja a que nível for. Mas se esse bloqueio existe, é aí que se localiza o sintoma mais sensível ao doente. Se um doente começa por não ouvir uma informação correcta que lhe é fornecida, mau sinal. Começou a fechar-se sobre si próprio. Começou o processo de autoaprisionamento. E não serve de nada, então, fazer sermões a quem

não os ouve. Sendo a prática terapêutica natural uma técnica que necessita do próprio doente para poder agir, estamos perante uma situação aparentemente insolúvel.

Dará o método vibratório uma resposta a isto, abrindo um primeiro canal por onde a informação chegue? No meu entender de eterno aprendiz, sugiro mais uma vez a panaceia da mineralização harmoniosa, já que são os mestres, incluindo Guillé, a dizer que os minerais (bioelementos) são os transportadores das mensagens vibratórias. Por isso, os minerais terão, quando harmoniosamente ministrados, uma função de abrir os receptores e tele-receptores do doente a níveis vibratórios cada vez mais poderosos. Mas segundo se deduz do ensinamento de Guillé, há uma hierarquia, e enquanto os de nível vibratório menos elevado não estiverem abertos, os de nível vibratório mais elevado permanecem inactivos.

No entanto, a prática dos operadores vai aparentemente no sentido contrário: tentando abrir primeiro os canais de instância mais elevada, até que os canais de menor instância sejam atingidos. De que lado estará a razão? Ou estará dos dois lados?

Não sei se não deverá entrar aqui uma frase de Jean Noel Kerviel sobre os chamados «complexos ADN interactivos-metais», expressão forjada, ao que parece, por Etienne Guillé, que também descobriu, para lá dos genes de estrutura, estes outros genes, também chamados «metalo-ADN» e que - segundo Noel - «foram introduzidos para dar conta da fixação de metais em certos lugares privilegiados do ADN.»

Se retomarmos outra vez a indução do Cancro e o papel dos metais no seu desenvolvimento, há uma primeira verificação a fazer: a palavra Metais, significando duas realidades diversas e mesmo opostas, pode ser particularmente perversa na sua duplicidade. Eu pergunto-me se as coisas não ficarão mais claras - e se não poderemos ajudar muito melhor um doente terminal - distinguindo Metais (que se associam inevitavelmente a metais pesados tóxicos - os tais que a célula cancerosa avidamente pede) dos Minerais bioelementares (os tais que a célula sã avidamente precisa para se defender da célula cancerosa).

Aqui reside o meu SOS: Pedia, como quem suplica, aos operadores do Pêndulo, que fizessem convergir a informação que cada um tem sobre este assunto que se tornou, em milhares de doentes, um caso de vida ou de morte. É que mais uma vez, a linha de separação entre a vida e a morte passa por uma palavra, pela clareza de um conceito, enfim, mais uma vez o problema da Doença é um problema de Informação, que não circula ou circula mal. O que é, diga-se de passagem, uma fase bastante paleolítica da nossa maneira de ver e entender as coisas.

+

<da-3><da><diario92>

A SAÍDA (SEM SAÍDA) DOS METAIS TÓXICOS: QUEM AJUDA A DESCOBRIR O MISTÉRIO DO CANCRO?

Cabo, 28/10/1992 - Uma mineralização intensiva, profunda mas harmoniosa é o único antídoto contra as metalizações caóticas, por excesso ou por defeito, desde a descalcificação clássica à avidéz de Ferro, por exemplo, da célula tumoral.

Esta a brilhante conclusão a tirar, depois de estudar muitas e desvairadas ciências, ler centenas de páginas, consultar uma dúzia de autores, sobre o complexo processo dos metais/minerais no organismo humano. Depois de saberem tanto, eles - os cientistas - também chegam à conclusão de que sabem pouco. E ainda há pouco tempo o eminente biólogo português Fraústo da Silva conquistou o prémio «Boa esperança/1991» pelo seu trabalho, escrito em inglês, sobre os metais: «*The Biological Chemistry of Elements - The inorganic Chemistry of Life*».

Mas lá haver um que faça uma vez por todas a síntese deles todos e, fazendo o ponto da situação, ajude a resolver problemas tão trágicos como o do Cancro, isso está quieto. Observam, analisam, investigam, estudam, descobrem, mas ser útil à espécie humana, já, está quieto. Nunca é o momento: lá para daqui a 5, 10, 20 anos, quando a ciência estiver mais desenvolvidinha, eles talvez nos ajudem a livrar do cancro industrial, o tal que está no ambiente e que eles estudam há dezenas de anos, enquanto o ambiente se torna cada vez mais cancerígeno. A vontade que dá e sem ofensa, é mandá-los berda merda, graças a Deus.

E é assim que chegamos a este absurdo. Eu, leigo em tudo, é que tenho de os ler, estudar, catrastudar, para obter alguma escorrida solução e ajuda nesta complicação de sais, metais, minerais, etc e tais. Eu que não percebo nada de iões, nem de pesos atômicos, nem de translocações, nem de heterocromatinas constitutivas, nem de moléculas, nem de ADN, nem de sequências repetidas, nem de bomba sódio-potássio, nem até de yin-yang, nem de (...) é que tenho de ficar em stress e de língua de fora para juntar os bocados do puzzle que eles todos, os brincalhões, levaram as suas eminentes vidas a separar. Eu que não percebo patavina de citosinas, argininas, iões metálicos, (...) é que tenho de ficar noites sem dormir a decifrar o que eles disseram de Sais, Metais, Oligoelementos, Fosfatos, Nitratos, Mutação, Transmutação. Eu, que me chateio de tudo, é que tenho de ir ler o chato do Kervran, e tentar puxar uma das pontas principais da Meada que é a das transmutações a baixa energia.

Não era tempo de os terapeutas, os doutores em Macrobiótica, os Operadores do Pêndulo, juntarem-se aos sábados para tentar fazer o ponto da situação sobre Metais e Minerais na Cura do Cancro? O sentido das prioridades é um sinal de acerto entre o canal humano e o canal cósmico. Sendo assim, estamos todos muito desorientados, face à inversão de prioridades que vemos por aí.

O CVD

As pessoas, especialmente as pessoas cultas, riem-se do Chá dos Vegetais Doces (C-V-D), a fórmula-milagre descoberta e proposta por Michio Kushi em casos de desmineralização ou, pior, de mineralização caótica. Pois é. A fórmula é artesanal, barata, universal, não mete aparelhos complicados e não é subsidiada pela Insegurança Social. Acima de tudo, não é um bom negócio para laboratórios de síntese... De forma que nos mandaram rir dela.

No entanto e que eu saiba, as pessoas não se riem das várias respostas que as várias e desvairadas ciências (não) têm dado à questão básica do mistério tumoral: porque é que a célula cancerosa é ávida de metais? E como ultrapassar, numa fase terminal, essa contradição mortal, esse círculo vicioso? Não é, com certeza, pelas sessões de Cobalto e pelas sequelas do Cobalto. Sequelas que podem ser, por exemplo, dificuldades de eliminação a nível do sistema linfático e circulatório. Em casos mais simples, como o de hipo e hiperglicémia no sangue, a resposta não será uma «harmonização mineral» que nenhuma das muitas e desvairadas ciências médicas ainda conseguiu descobrir, remetendo o problema para a «prótese» da insulina tomada em forma sintética? Mas o segredo desta abelhinha pode chamar-se, apenas, carência de Crómio. Só que, quando se trata de minerais, a carência de um é arrastada pelo excesso de outros e entra-se, de facto, no caos, até hoje irresolúvel. O caos da medicina e das medicinas actuais está 90% aqui. Talvez a terapêutica sectorial do Germânio, estudada pelo Serge Jurasunas, não sendo a resposta total, possa ser pelo menos um resposta, menos risível do que as que a Medicina (não) dá.

Se vou, como leigo às escuras, para o CVD, não é porque o CVD seja uma coisa por aí além mas porque, depois de tudo, olhando à volta de tanta ciência, de tanto livro, de tanto cientista, de tanta tinta e salivas gastas, só o CVD nos dá a resposta (mais) sensata:

e só o CVD é susceptível de ser o ponto de partida para um *cocktail* «mineralizador» ainda mais completo, que dê a panaceia universal anti-Cancro. Mas, nesse caso, seria anti-todas as doenças.

Quando conhecemos a resposta do maior sábio do nosso tempo a esta *big* questão, ainda ficamos mais descoraçoados. Quando à pergunta «É possível livrarmo-nos dos metais nefastos?», o genial Etienne Guillé responde, como ele diz, com certa «brutalidade», estremeço de medo. Se, como ele diz, só há uma maneira de responder à magna questão das questões - pelo stress - a resposta é de facto brutal e assustadora... Para suavizar, ele chama-lhe «stress positivo». E como terapêutica específica, aponta uma fórmula sectorial com base em Cobre radioactivo, que muito faz lembrar a do Cobalto radioactivo. No entanto, não poupa as necessárias críticas à Quimioterapia do Cancro, tal como ela se está fazendo hoje em dia. No mínimo, é uma resposta nada holística, em um homem que se pode considerar o autor da abordagem holística mais vasta e espantosa a que assistimos no mundo actual. Se para ele só o stress consegue abrir as moléculas de ADN para permitir aos metais errados saírem dos sítios errados, é preciso acreditar, com fé em Deus e nas pessoas, que há, que tem de haver outra forma de abrir as células para de lá saírem os metais mortíferos. Se para sair de um stress que é o da doença, só há saída em outro stress... acabamos por descreer de que haja uma saída. Para tirar o sal do organismo, quem senão a Macrobiótica propõe sequer um único meio, um único processo, um único alimento? Mais: quem, de terapeutas e doutores, sequer se preocupa com o flagelo do sal, para lá das peripécias rocambolescas do Dr. Rego de Aguiar, que só vê os mefeícios do sal nas cardiovasculares? A macrobiótica pelo menos avança com o que sabe e a experiência comprova: o Cogumelo Chitaqui. Aos que dizem que é pouco, respondo que é melhor que nada. E nada é a resposta que as ciências todas dão ao terrível e grande problema do sal no organismo. Que é o mesmo problema dos metais no organismo. E o CVD, pelo menos, é uma resposta holística, por mais humilde e risível que seja.

CRÍTICA DE GUILLÉ AOS MÉTODOS ORIENTAIS

A propósito de holística, diga-se que Etienne Guillé é bastante crítico em relação aos métodos orientais, porque - segundo ele - trabalham com o corpo para atingir o espírito, quando ele entende que deve primeiro trabalhar-se com o espírito para atingir o corpo. É uma opinião. Isso não o impede, no entanto, de encontrar nos 64 hexagramas proto-chineses do I Ching uma réplica extraordinária do que ele próprio descobriu, como geneticista, no ADN e de acreditar na Acupunctura, visto haver muitos operadores desta nova escola que fazem acupunctura.

Mas Etienne Guillé não vai muito mais longe na apreensão e uso do método yin-yang. E se cita Kervran, um autor que também influenciou Oshawa e Michio Kushi, é apenas por citar. O princípio das transmutações a baixa energia não tem depois seguimento no trabalho proposto por Guillé em matéria de metais. Como aliás também não teve nos trabalhos de Oshawa e Michio. Etienne prefere inflectir para o campo fascinante mas especulativo dos metais alquímicos, matéria que nos poderá dar informações importantíssimas para um próximo futuro mas que não é tão urgente como este de atacar, de frente, o Dragão do nosso tempo e Mundo que é o cancro.

Mas Etienne Guillé já conseguiu tanto, na sua obra fabulosa de sábio, de iniciado, de génio, de homem predestinado e Mensageiro da Boa Nova, que não é obrigado a mais. Obrigados somos nós, seus leitores e aprendizes, nomeadamente os operadores do Pêndulo, a desenvolver as pistas que ele deixa em suspenso. Se um acupuncturista ignora a macrobiótica e vice-versa, está a bloquear uma ponte de passagem da informação.

Sendo o tronco o mesmo, a cosmologia yin-yang, é estranho (para não dizer palavra mais dura) que os ramos ignorem o mesmo tronco e as mesmas raízes. Praticantes das artes marciais, doutores em Macrobiótica, acupunctores, agem como se não tivéssemos nada a ver uns com os outros.

Se a démarche hoje é holística - e não há salvação possível fora dela - há de facto muito pouco de holístico neste virar de costas entre oficiais do mesmo ofício, ou seja, entre utilizadores do mesmo grande princípio do yin yang que é uma cosmologia e que, portanto, não se deixa atingir pela crítica que faz Etienne Guillé aos métodos orientais de partirem do corpo para atingir o Espírito. (Ver pg. 39 da conferência Sorbonne-Richelieu). A verdade é que o próprio Etienne Guillé, quando fala dos Metais, é ao nível do corpo que também fala. E do corpo ao nível mais material - o ADN.

Se os Metais, no entanto, servem de transmissores das mensagens vibratórias vindas do Cosmos para o Microcosmos, temos que dar atenção aos Metais, por mais carregados de Maga condensado que eles estejam. E estão. E não será a sociedade industrial o Maga mais condensado do Maga condensado? E a ciência, como autora desta sociedade? E não terá Etienne Guillé que mexer nele, no terror químico, no terror científico, para abrir o microcosmo ao macrocosmo? Tudo o que pudesse evitar esse contacto com o Maga condensado da Biologia Molecular, por exemplo, já seria terapêutico, valha-nos Deus, que é Espírito. No entanto, dos antibióticos - uma ponta desse horror - Etienne diz na sua conferência de 23/6/1990, na Sorbonne-Richelieu: «Alors, bien sur, les antibiotiques, je n'ai rien contre, ils ont fait des progrès».

Perplexidades destas só se perdoam, de facto, a um homem que é de facto um dos que mais estão ajudando a sair a humanidade desta época de horror, deste tempo de antibióticos, vacinas, corticóides e SIDA, deste fim de Kali Yuga.

+

<da-4>< adn>

O DIAGRAMA DOS OPOSTOS COMPLEMENTARES (A GRANDE BATALHA) ESPAÇO E TEMPO SÃO ESFÉRICOS

O infinitamente grande (astros, estrelas, planetas) e o infinitamente pequeno (ADN do núcleo da célula) encontram-se. Os extremos tocam-se. Admitindo que espaço e tempo são curvos (quem o disse ?), é mais fácil (racional) conceber que os infinitos se tocam. Mas não só: são a mesma coisa. «Tocar» o ADN (com o microscópio electrónico) equivale e «tocar» os milhares de estrelas que nele imprimiram as informações desde o princípio dos tempos - ainda nem havia terra...

Com a releitura de Guillé confirma-se que o seu método é o do «*puzzle*»: várias partes do Todo vão surgindo, aparentemente soltas, mas um dia elas encontrarão o seu lugar no conjunto, nesse todo. O simbolismo do Gato encontra-se entre os egípcios, talvez porque o Gato apresentasse uma estrutura vibratória que permite identificá-lo com a estrutura vibratória de Ísis. É um desafio interessante, colocar o nome «gato» sob o indicador esquerdo e testá-lo depois com o pêndulo suspenso na direita. Confirmar depois se a estrutura vibratória é a mesma de Osíris. E assim sucessivamente entre tudo o que os livros nos dizem de símbolos. Esse trabalho com animais simbólicos é realizado por Jean Noel, sobre as Doze Chaves de Basílio Valentin, representações simbólicas que permanecem mudas até ao momento em que ele traduz em termos de «fórmula vibratória» as cenas em que esses animais são inseridos.

Níveis de consciência «mais elevados» tem pouco a ver com maior número de conhecimentos, grau cultural ou académico. Jean Noel avisa: é apenas a capacidade de

ver mais à distância, o sítio onde cada um está. Como se, subindo num avião, tivesse a visão de conjunto de casas e ruas de uma cidade. Nível de consciência tem a ver, antes, com as noções correntes de «intuição» e de «instinto», e um pouco de «premonição», «pressentimento», «telepatia». Tudo isto o método Etienne Guillé promete a quem o pratique com tenacidade e paciência. E evitando as «emboscadas». Ao falar de armadilhas, EG está constantemente alertando contra, por exemplo, as contrafações e perversões a que pode levar o seu método, se não houver suficiente prevenção. Entre essas emboscadas, a «magia negra» tem direito ao primeiro lugar, mas outras «armadilhas» podem interpor-se e até com uma imagem prestigiada no seio da comunidade cultural: psicanálise (racionalizando pulsões), massagem terapêutica, acupunctura, magnetismo (remetendo para a Terra e para Matéria em vez de livrar as pessoas delas), yoga, macrobiótica, etc

A pouco e pouco verificamos (por)que não há exagero neste distanciamento, e até que ponto EG é um método radical que se demarca mesmo daqueles que mais se parecem assemelhar-se. Se alguns o praticam para brincar ao «aprendiz de feiticeiro» - adverte Jean Noel - a culpa não é evidentemente de Etienne Guillé. Que bem avisou dos alçapões em que o poder e a sedução do poder lança os incautos. Quando o Diabo actua sobre alguém, o primeiro cuidado que ele tem é convencer esse alguém que não está dominado por Ele... Nenhum método oferece melhor antídoto do que o de Guillé. Contra as seduções do Poder, do Dinheiro, do Sexo - os três ingredientes preferidos dos manipuladores de Magia Negra que, coitados, não se apercebem de que estão metendo a alma no Inferno, em directo, sem passar pelo Purgatório. Trabalham a um tal nível de (in)consciência que não lhes é possível perceber isso a que Guillé chama as «armadilhas» ou «emboscadas».

++
<da-5><adn>

O DIAGRAMA DA GRANDE BATALHA

17/11/1992 - Para alguém com boa memória, boas qualidades intelectuais, uma formação universitária, grandes conhecimentos, especialização específica, a elevação do nível de consciência e o desenvolvimento do potencial vibratório não diz grande coisa. É mesmo possível que seja matéria de algum riso trocista. Mas para quem não tenha sido fadado por aquelas qualidades do mundo material - memória, inteligência, nomenclatura técnica, conhecimentos, erudição - fica satisfeito por saber que, afinal, a sua evolução e o seu crescimento está afinal ao alcance das suas mãos ...com a ajuda do Pêndulo. Também o que toda a vida foi pobre de bens materiais, fica satisfeito por saber que, afinal, pode adquirir uma riqueza ainda que imponderável. Para os falhados socialmente, a elevação do nível de consciência é a única chance. E isto gera uma atitude de gratidão. Mas há ainda uma outra esperança para o desesperado e deserdado: é que a elevação do nível vibratório de consciência possa agir, pela lei da sinergia ou lei da emergência, sobre outras faculdades diminuídas ou enfraquecidas do suporte vibratório. E pode ser que o trabalho com o Pêndulo acabe por ajudar a tornar alguém mais conhecedor, mais inteligente, mais sabido, etc., mesmo que o próprio até já nem o deseje muito, porque foi compensado com a maravilhosa descoberta do Pêndulo. Pela lei da Sinergia ou lei da Emergência, há qualidades emergentes quando as energias vibratórias animam o suporte. Dá para acreditar que ainda hei-de melhorar muito da minha crónica amnésia, da minha total incapacidade para memorizar números e nomes.

AINDA O CARMA DE CADA UM

A pouco e pouco, fica mais claro o que acontece com o carma de cada um quando se encontra o pêndulo de EG. Se as informações vibratórias vão animar o ADN, é natural que este acelere o seu movimento e aquilo que deveria acontecer em 20 anos acabe por acontecer em 10, em 5 ou ainda em menos. E aí surge o que alguns noviços na arte do Pêndulo já experimentaram: acontecem-lhes acidentes estranhos... É caso para suspeitar se, de facto, o que se passou se passaria à mesma, apenas com uma dilatação do tempo e no tempo muito maior. E surge também aqui a hipótese do tempo circular. É outra forma de falar de «aceleração».

CONCEITO MENOS BEATO DE ESPÍRITO

A hipótese vibratória do método EG faz com que a palavra «espírito» - entidade mensurável e submetida a leis precisas de ordem matemática - perca a conotação beata de que os séculos de materialismo a carregaram. Queiramos ou não, há uma redignificação do discurso esotérico, uma reabilitação das ciências tradicionais, que temos em exclusivo de agradecer a este homem chamado EG.

«Informação vibratória» é, no método de EG, tão importante como a informação no sentido cognitivo e racional, estritamente ligada ao mundo MAGA, ao mundo material. Coloca-se a questão de o «inconsciente» referido pela Psicanálise se identificar ou não com esse oceano imenso de informações que corresponde à informação vibratória e que eclode na fronteira entre os dois infinitos - o grande e o pequeno - que parece ser o ADN da célula.

A informação mesmo (do mundo) material, mesmo MAGA, desde que adequada ao suporte e em dose não tóxica, serve para orientar a pessoa no seu caminho. Ter ou não ter determinada informação pode ser decisivo para a sobrevivência do indivíduo. Mas um excesso de informação ou uma informação desadequada, em vez de orientar poderá angustiar e criar estados de stress negativo, bloqueio, depressão. A informação vibratória poderá então ajudar a fazer uma selecção mais rápida da informação MAGA. Na medida em que o indivíduo se passa a guiar pelo instinto, pela intuição, pelo pressentimento, pela premonição, poderá também orientar-se, mesmo quando lhe falte a informação ao nível MAGA, material.

+

<da-6><adn>

O DIAGRAMA DA GRANDE BATALHA ATÉ QUE PONTO A MAGIA NEGRA É PERIGOSA

16/11/1992, segunda feira - Talvez não seja preciso muito para mudar o mundo de «*fond en comble*». Como tudo o que é grande, talvez a solução seja simples. E por ser simples, ninguém queira acreditar nela. Talvez bastasse, para que o mundo mudasse, que se generalizasse e prevalecesse uma banalidade: «Ajudar os outros é ajudar-me a mim próprio. O que eu fizer pelos outros, estou fazendo por mim. Mas tudo o que eu fizer só por mim, pouco me adiantará.»

Estas banalidades aparecem menos banais à luz da linguagem vibratória de EG.

Aquele simples princípio de fraternidade e solidariedade, só não é tão simples porque implica uma ambição menos material de cada um e que a meta de cada vida, em vez de dinheiro, seja a Luz. Mas para isso é preciso saber o que vale a Luz e o que ela pode ajudar-nos. Se se almejar a Luz, e não um bocado de papel sujo, então aquele princípio é fácil de compreender. Obstáculo principal a esta *démarche* é que é sempre de desconfiar qualquer discurso a favor da pobreza material...É logo tomado como boa desculpa do pobre para se queixar de que não é rico. Afinal, posso melhor com os meus

males, se chegar à conclusão de que os outros ainda estão piores do que eu. De repente, percebemos porque é que a magia negra actua. Enquanto os alvos pelos quais as pessoas se batem forem sexo, atracção física, riqueza, ninguém se safa de uma boa carga de magia negra.

E quando se diz «coitado» de alguém muito rico, ou de alguém muito belo, muito sexy, é talvez por isso: ele será alvo privilegiado de inveja, ele próprio ascenderá por inveja e a inveja é mãe de todas as manipulações chamadas de magia negra. O caso clássico de magia negra é exactamente o da mulher que quer conquistar um homem, ou manter um marido servil, ou sacar-lhe a fortuna, ou antecipar-lhe a morte. Meu deus! Quem se mete no Inferno é quem faz a magia negra, convencida de que vai ser rica, de que vai ter um homem submisso, de que irá herdar casas, contas bancárias, riquezas. Se não se der valor à alma, nada disto evidentemente terá importância ou gera medo.

É destes envolvimentos de que nos dá consciência e formas de defesa o método EG que aparece assim profiláctico. A vítima da magia negra caracteriza-se exactamente por não querer acreditar que está sob o efeito dessa magia. E recusa-se a ouvir (bloqueia a informação) tem os canais subtis fechados.

+

<da-7><adn>

O DIAGRAMA DA GRANDE BATALHA DINHEIRO, CARMA E MAGIA NEGRA

Arcos, 5/11/1992 - O problema cármico do dinheiro é muito complicado. Qualquer atitude crítica é identificada com beatismo e demagogia. Ninguém hoje que se considere culto, leva a sério as recomendações bíblicas do catecismo sobre Castidade e Pobreza. Só beatos fazem voto de castidade e/ ou de Pobreza. Quanto muito, o intelectual ateu e laico, comentará: «Está bem, deixa. Bem prega Frei Tomas. Faz como ele diz e não faças como ele faz.» Quem não tem nada, só tem a compensação de se sentir por isso mais «virtuoso». Mas será mesmo? E valer-lhe-á de alguma coisa essa virtude? Bem pode pregar contra o «pecado» dos que têm tudo, porque ninguém reconhece ao Pobre autoridade moral para defender a Pobreza... Esta questão do discurso «virtuoso» vicia, à partida, qualquer dialéctica de aprofundamento do grande problema que é o dinheiro na roda cármica de cada um. Ninguém, no Universo, é Pobre e Humilhado por vontade própria, por opção, por escolha. Nem casto. Nem isento de desejos. A pobreza sofre-se, suporta-se, atura-se. E quase sempre mal. Mesmo os monges que optam pela Pobreza, fazem-no a pensar nas Riquezas do reino dos Céus. Mas é aqui que reside, precisamente, a questão, difícil e subtil. Já o disse no texto sobre S. Francisco de Assis. A grande aposta será no Banco de Deus ou nos bancos da Terra? Qualquer pessoa de bom senso, e por mais religiosa que seja, dirá que é nos Bancos da Terra. Quem é que quer ser Pobre, Meu deus? Quem é que abdica de ser rico, se tiver essa chance? Mas que a riqueza, para já, atrai algum baixo astral, também não oferece dúvidas. Há a situação clássica: o homem rico a que todos desejam a morte, por causa do testamento... A começar nos que estão mais perto. Ele acaba por pagar com a ganância dos outros a rodeá-lo, nas últimas horas, o que acumulou toda a vida. Mas quem mais compromete a (salvação da) sua alma são os que aguardam, ansiosos, a sua morte para gozarem a fortuna. É uma cadeia de muito baixo astral, sem dúvida. Também os que praticam crimes hediondos, através da magia negra, recebendo somas em dinheiro - eu pergunto-me o que será das suas almas? O pior para eles é que não acreditam na alma. E muito menos que Deus existe. O dinheiro afunda neste poço, se acaso este poço existe. Mas

fazer alguém cair no logro de acreditar que Deus não existe, também pode ser um estratégia do Demônio, disfarçado do seu habitual disfarce, o Dinheiro.

+

<da-8><adn><a-a><diário de um aprendiz ->relendo etienne guillé> - *encontros de fundo*:

O MODELO HOLÍSTICO EM ETIENNE GUILLÉ

7/11/1992 - É com certa vaidade e franco optimismo que vejo, num mesmo pensamento, num mesmo e coerente discurso, questões e obsessões que eu tinha como fundamentais e que nunca encontrara confirmadas no mesmo autor, como se fosse eu o único a pensar certas patéticas que me pareciam prioridades mas que não o eram para mais ninguém.

1 - Entropia versus Neguentropia é um desses conceitos. Vê-se em alguns autores que são oriundos da Física, mas raramente ou nunca aparecem em autores vindos da Biologia. Em Etienne Guillé, o binário Entropia-Neguentropia assume o papel primordial que lhe cabe na complexidade da condição contemporânea: característica exclusiva da matéria viva, é esta qualidade da Neguentropia que distingue o vivo do inerte ou inorgânico, onde a lei é a da Entropia

2 - Também a análise sistémica, que surge em alguns pensadores da ecologia, é uma das constantes no pensamento de EG (Ver «O Macroscópio», de Joel de Rosnay)

3 - Mas logo temos a Simbólica e a Simbologia, a Linguagem Simbólica

4 - O binário Macrocosmos e Microcosmos vulgarizou-se nos textos de vulgarização esotérica. Mas nunca tinha sido abordado com tanto rigor como em EG, que realiza, ademais, a ligação prática entre os dois, através do pêndulo. O pêndulo é o interface de todos os interfaces que ocorrem neste génio dos Interfaces que é EG

5 - Uma teoria geral da Informação nos aparece também em Etienne Guillé, que chama a isso «linguagem vibratória». Desde a informação cósmica à Informação ADN, há um continuum permanente, conceito este que nunca eu encontrara tão vibrante como no pensamento de EG

6 - É assim que do modelo sistémico ao modelo holístico é apenas um passo e isto sem que a palavra holística surja muitas vezes no seu discurso. Aparece, sim, e constantemente, a prática desse modelo. Sem que se fale também em paradigma, é a questão do paradigma (largamente referenciada por Fritjof Capra) que nele está sempre omnipresente. O que Michio Kushi chama «discernimento» encontra em EG a sua expressão «matemática», mensurável, ficando claro que o «discernimento» se vai abrindo, a cada um, à medida que níveis de energia cada vez mais subtis e poderosos circulam. E compreendemos que intuição, pressentimento, imaginação, premonição, discurso onírico, têm então o sentido muito preciso e ao mesmo tempo vasto de Informação igual a Discernimento. Ou, se quiserem, Consciência. O «feeling» ou mesmo o «sexto sentido» ficam abrangidos neste conceito generalizado de Informação.

+

<da-9><adn>

DOENÇA INICIÁTICA

13/11/1992 - «Doença iniciática» entende-se, julgo eu, a doença que a medicina confessa não resolver, mandando o doente para casa. É o momento de ficar entregue a si próprio e de saber então o que por si próprio pode fazer. Curiosamente, algumas dessas doenças (serão todas) são provocadas pela própria medicina e seus sucessivos ciclos viciosos.

*

Gostaria de ouvir alguém, com argumentos fortes, a desdizer Guillé. Por mais que o leia e releia, não consigo encontrar uma única linha que me pareça menos certa, menos correcta, menos inteligente. E até gostaria de me distanciar criticamente dele, não vá estar e ficar convencido de ter encontrado o nec plus ultra, sem ser nada disso...

+

<da-10><adn>

26/11/1992 - Nunca fui, obviamente, de grandes entusiasmos e euforias. Nem de grandes paixões. À parte um ou outro livro, um ou outro autor, um ou outro amor, nunca fui de ficar suspenso e polarizado por alguma coisa ou ideia. Ou antes: fingi o que pude a mim próprio para me acreditar «fixado» em algo que desse sentido à vida. Mas exactamente porque nada me dava sentido à vida. E foi essa procura que julguei terminada quando encontrei o budismo tibetano.

Mas, por inacessível, vi que não tinha capacidade de ir por aí, por esse caminho. Era um sentido, mas não era o meu sentido. No fundo, continuava a haver o vazio que tentava mascarar ora com o guaraná, ora com acções militantes (a que os outros chamavam fundamentalismo ecológico).

Mas tudo por pura embriaguês e dado que o álcool, nem vê-lo, porque me piorava a depressão em vez de a mascarar. Face à descoberta de EG - e da sua técnica de poder espiritual - houve uma viragem. Não é mais um caminho: é O Caminho. Já não mascaro o vazio, mas acredito que o vazio pode finalmente ser vencido. É uma diferença subtil mas fundamental: equivale a uma viragem.

Dizer que me vou consagrar as 24 horas do dia a este método, é verdade. E o resto vai perdendo importância. O ensaísmo de pensadores que tive como preponderantes, parece-me ultrapassado. A questão dos nacionalismos, lida em Edgar Morin, por exemplo, fica ultrapassada pela linguagem universal que é a linguagem vibratória. Quando milhares de pessoas falarem a linguagem vibratória como a sua língua materna, tenho a certeza de que muitas das dramáticas questões contemporâneas deixarão de ser problema. A escala de valores, no tempo e no espaço, a que agora me prendo, torna obsoletas ideologias e, inclusive, os dramatismos e as tragédias a que assistimos neste tempo de horror. Não é uma ilusão narcótica, mas um poder que desponta - o espiritual - capaz de tornar obsoletos os outros poderes, que tornam este mundo um inferno. O buraco de Ozono faz-me ainda estremecer.

Mas, à luz de EG, é uma zona reduzida do espectro vibratório, tão relativa no tempo e no espaço que perde impacto na vida de todos os dias. Nunca consegui ser especialista em nada - mas a aprendizagem de EG, com todos os meus *handicaps* de falta de memória, aparece como a ciência de que eu posso, um dia, e finalmente, ser um estudante aplicado e com algum aproveitamento escolar. Tentei aprender o inglês, mas não tinha garra. «Burro velho não aprende línguas» soava-me sempre no meu complexo de inferioridade como uma vergonhosa obsessão. Burro velho, ainda não desdentado mas a caminhar para uma certa decrepitude, pode no entanto aprender a língua vibratória do novo mundo. Ilusão messiânica? Talvez. Mas a mais forte das ilusões que alimentei. Acho que vou ser um razoável falante da «linguagem vibratória» e se isso engorda o meu ego, se é mesmo uma espécie de vingança pessoal de toda uma vida de frustrações, terei apenas que me cuidar dessa armadilha e não deixar que o Ego engorde. Quantas vezes não me carpi de tudo o que quis fazer e ser mas de onde fui sistematicamente irradiado. Quis publicar livros, publicar poemas, publicar ensaios. Quis ser crítico de vídeo, de cinema, de livros. Felizmente e por uma coisa ou por outra, já estavam sempre os lugares todos preenchidos. Havia tanta gente na bicha a empurrar-me, que me passavam sempre à frente.

Ideias e projectos nunca me faltaram. Ainda hoje vejo outros a realizarem os projectos que não tive ocasião de realizar!

Até a Luísa Costa Gomes me roubou a ideia de ficcionar a vida de Ramon Lull. Queria ter sido chefe de redacção de uma revista de saúde: houve sempre quem chegasse primeiro, ou quem me tirasse de lá para se sentar.

Quis ganhar prémios literários, houve sempre quem os ganhasse por mim. Quis ter um editor: conheci muitos, mas não consegui ter um editor. E enchi caixas de diários que são, no fundo, o raconto de todos esses e outros fracassos.

Como é que agora a alquimia me parece uma *démarche* tão acessível? Talvez porque acredito no Pêndulo como nunca consegui acreditar em deus. Nas linhas e entrelinhas de EG é Deus que espreita, como se fosse, ou viesse a ser, acessível. Apenas uma questão de vencer etapas, muito precisas e desenhadas geometricamente. Já nem é a sensação de amor-ódio que, meses atrás, a leitura de Guillé me dava.

Se tiver que me separar da maior parte dos livros que correspondiam a projectos de trabalho, será mais fácil separar-me agora, porque todos os meus projectos irradiam de e conduzem a um único: aprender a linguagem vibratória e ajudar as pessoas em SOS.

A própria macrobiótica, mensagem que ninguém quer ouvir, é agora uma informação mais fácil de passar aos que sofrem, se tiver o grande argumento e instrumento do Pêndulo, a quebrar resistências e a abrir circuitos, sequências de ADN. O melhor que aprendi, do pouco que aprendi, do nada que decorei, pode chegar junto das pessoas. Que eu vou conseguir amar com a ajuda de EG.

+

<da-11><adn>

O SENTIDO DAS PRIORIDADES

27/11/1992 - O redemoinho de vaidades e egos rechonchudos em que a literatura, por exemplo, mete as pessoas, sempre me fez confusão, mas agora mais do que nunca. As pessoas, coitadas, têm o alibi do desespero, que muitas iludem com máscaras várias a fingir de esperança. Várias maneiras tem o demónio de se insinuar na alma de alguém. E uma das maneiras, a de mais baixa, densa e negra magia negra, é perder o sentido das prioridades, que é o principal sentido de orientação, o que se chama o sexto sentido. Só que, agora, eu sei que existem 12 sentidos. O que falta aprender suscita uma angústia que supera o do já apreendido.

A luta entre conceitos literários: a diferença entre a minha atitude de hoje e a de outrora, é que já consigo ver essas polémicas - a do regional e a do universal - com certo distanciamento! Com uma certa indiferença, com uma certa neutralidade. Embora sublinhe, de imediato, que nenhuma dessas palavras - neutralidade, indiferença, distanciamento - define o que sinto, o meu estado de alma neste momento. E essa é uma das dificuldades: expressar, com a linguagem do antigo sistema, o que acontece já no novo sistema, sendo novo um adjectivo que igualmente teremos de aceitar por procuração, pois pertence, também - ele como o seu antónimo - ao antigo sistema. A «New Age» não tem que ver com isto. Todos os movimentos nascidos no seio do «antigo sistema» estão ainda impregnados de MAGA: por muito lugar-comum que isto possa parecer, verás que não é assim tão lugar-comum.

+

<da-12><adn>

RADIESTESIA ALQUÍMICA:

PROMESSAS, EXPECTATIVAS E DÚVIDAS

GERADAS PELO MÉTODO DE ETIENNE GUILLÉ

15/17 de Dezembro de 1992 - A obra de Etienne Guillé cria, de facto, expectativas as mais ambiciosas e a questão está em saber se essas expectativas virão a ser total ou parcialmente satisfeitas por quem empreenda a marcha por este Caminho da Radiestesia Alquímica, da Radiestesia Hermética.

Lembro, entre outras promessas, as seguintes:

- É um método de iniciação. O simples facto de trabalhar com o Pêndulo, mesmo apenas com testes, já é um passo da iniciação

- As pirâmides cosmoétricas do ser humano podem ser vistas, quando o ser atingir níveis de consciência vibratório (ou níveis vibratórios de consciência) mais elevados

- Como todas as iniciações, a Radiestesia de EG é um caminho sem regresso: e quem nele se mete, não poderá voltar para trás

- A imortalidade (mas qual imortalidade?) está ao alcance de quem empreender o trabalho iniciático proposto

- Quando o Neófito Aprendiz atingir um grau iniciático determinado, poderá compreender as mensagens que não são traduzidas por palavras mas a outros níveis de comunicação: daí dizer-se que «as palavras não têm muita importância», pois o que verdadeiramente importa é comunicado por outros meios mais subtis e menos expressos, menos explícitos: será?

- O Neófito ganhará, com o trabalho de radiestesia alquímica, autarcia e capacidade de autocura, à medida que ganhar as etapas do autoconhecimento

- Poderá o Neófito, quando estiver apto, aprender a transferir energias para outras estruturas, o que permitirá ganhar poder sobre outras pessoas e exigirá portanto uma ética rigorosa de comportamento

- O que o método de EG promete é poder espiritual e não poder material: mas o poder espiritual é, por si, também uma aliciante com alguns perigos

- Ao nível da vida quotidiana, o pêndulo desenvolve algumas capacidades divinatórias ou adivinatórias: mas o nível de consciência respectivo limita esse poder, na medida em que o comportamento ético do operador está condicionado por esse mesmo nível de consciência

- É possível alterar o fatalismo do código genético: Esta é uma das promessas mais fascinantes, revolucionárias e perigosas do método de EG. Até agora, quer as religiões baseadas no carma, quer a ciência de ponta baseada na Biologia Molecular, diziam que os genes de estrutura são o que são, *urbi et orbi*, desde sempre e para todo o sempre. Vem EG e diz que não, que a heterocromatina constitutiva, a outra cadeia genética, permite alterar o nosso código genético. Esta promessa tem mesmo que ser real: porque não é concebível que ninguém promettesse tanto - promettesse tudo - sem que para isso estivesse «superiormente» autorizado. Dir-se-ia que há factos. Que a alquimia da vida não é apenas um título lindo de um lindo livro de Etienne Guillé, mas uma prática já hoje seguida e conseguida pelas pessoas que desde 1985 seguem os seminários de Patrice e Jean Noel Kerviel

- Aprender a dialogar com o nosso Espírito é outra promessa de longo alcance e extraordinárias consequências: se fosse assim, mais ninguém iria sentir-se só, nunca. Dialogar com o Espírito, dialogar com Anjos e Arcanjos, dialogar com o Infinito e a Eternidade seria de tal maneira «luminoso» que nunca mais ninguém iria sentir-se só, abandonado, no beco sem saída, às escuras. Isso transformaria em paz a violência do Mundo - violência que quase sempre tem origem no Desespero.

- Outra promessa de incríveis consequências para a pobre humanidade atolada em Kali Yuga: a esperança trazida pelo 26 de Agosto de 1983, data que Etienne Guillé,

lendo as informações contidas nas pirâmides do Vale dos Reis, determinou como sendo o início da Era do Aquário

- Esta precisão de uma data de um Advento de tão transcendentais consequências, impressiona um simples mortal como nós: EG indica, em números de escala decimal e em números de ouro (Fi), a frequência vibratória sob a qual oscilam as diversas eras zodiacais (é o mesmo que eras cósmicas?): o simples quadro fornecido por Guillé, com as escalas vibratórias das diversas eras zodiacais, é só por si uma Luz tão poderosa que apaga o nosso desespero de mortais entregues à ideia agónica do Apocalipse como Fim e não como Revelação do Princípio

- As definições do Amor - e suas várias modalidades - dadas por EG, são de molde a criar expectativas infinitas nos desesperados humanos: trabalhar com o Pêndulo é acelerar a solidariedade mais profunda com todos os seres humanos, desde sempre e para sempre.

- O mundo das correspondências vibratórias é outro quadro quase mágico que se apresenta ao Aprendiz: trabalhar com os metais - mesmo através dos seus símbolos - é receber energias vibratórias dos planetas correspondentes, mas também das cores correspondentes, dos Aromas, dos Órgãos do corpo humano, dos Números. É encontrar uma explicação racional e clara das zonas «reflexogénicas» de cada ser vivo, o que abre perspectivas interessantíssimas às respectivas terapias reflexogénicas

- Mas a generalização deste princípio - captar a informação apenas através das palavras - abre perspectivas ainda mais alucinantes. Eu posso «alimentar-me» energeticamente dos melhores «acepipes», apenas trabalhando com o Pêndulo: basta que eu tenha os meus suportes receptivos, basta que os meus receptores electromagnéticos estejam desbloqueados. E para isso - prometem-nos - basta trabalhar com o Pêndulo. Com os receptores electromagnéticos desentupidos, eis-me em diálogo permanente com o infinito e a eternidade, com a força cósmica, com a divindade... Será?

- O que podemos ir buscar ao chamado «inconsciente colectivo» é inacreditável: se for verdade tudo o que nos prometem com o Pêndulo, guiados pelo Pêndulo - meio de acesso ao nosso inconsciente colectivo - tudo então toma sentido para nós, desde cada sonho (finalmente é possível uma interpretação dos sonhos com base métrica e não só especulativa) a cada facto inesperado que nos acontece

- Se nada é por acaso - outro princípio que nos é garantido como certo - tudo tem um sentido, tudo fala uma linguagem, tudo contém uma mensagem informativa e, nesse caso, só nos restaria aprender essa linguagem: ora é este todo o trabalho que Etienne Guillé desenvolveu ao longo das mil vidas que são a sua vida. E é essa linguagem universal da vida - a linguagem vibratória - que promete ensinar-nos, se formos seguindo com atenção, uma a uma, as mensagens, claras ou cifradas, que nos são enviadas

- Indicar-nos um ponto absoluto de Referência no meio do caos da relatividade, em que tudo muda e nada permanece, é outra das solenes promessas. Dar um Norte às nossas vidas - e a Bússola - é outra expectativa criada pelos seminários sobre Etienne Guillé, expectativa que ninguém jamais lhe perdoaria se fosse um dia lograda ou esvaziada

- No caos das religiões, a promessa de religar o ser humano à divindade é outra que Etienne Guillé apresenta com a maior das naturalidades

- Garantir que o Espírito e o poder do Espírito é soberano, dá uma força enorme aos que se sentem asfixiar sob a opressão da histeria consumista, do materialismo mais abjecto, do vendilhonismo mais vil, mas sem contra-argumentos, sem defesas, sem alibis

- Promessa grandiosa, senão mesmo falaciosa e talvez perigosa, é a de uma iniciação sem gurus acessível a toda a gente. Se é certo que o próprio método contém essa «democratização da iniciação» em parâmetros extremamente precisos, exigentes e mesmo rigorosos, pode criar expectativas de facilidade que se poderão tornar mais tarde frustrantes desilusões

- Em contrapartida, há afirmações de princípio que se poderão considerar «derrotistas», na análise que o método faz de doenças como o cancro (que considera «doença iniciática»), da esclerose em placas, da sida, das doenças mentais.

Se é verdade que estas doenças não são enumeradas ao acaso mas obedecem a medições rigorosas das frequências vibratórias de cada uma delas, a verdade é que o método exclui a possível profilaxia dessas doenças - na medida em que responsabiliza por elas Genes Cósmicos - e também a sua cura por meios metabólicos, deixando a cura e a profilaxia à «evolução cósmica» de cada um, sem especificar quando essa evolução pode ser atingida para que aquelas doenças sejam eliminadas

- Uma dúvida é suscitada pelo método da Radiestesia Alquímica de Etienne Guillé. Se as doenças cósmicas ou iniciáticas são geradas no Espírito, passando depois para a Alma e finalmente para o Corpo, fica sempre a perplexidade de saber se (não) é possível fazer face àquelas doenças partindo do Corpo e utilizando os métodos de tratamento do Corpo que entretanto foram propostos, como é, por exemplo, o caso da Macrobiótica ou Ecologia Alimentar yin-yang.

- A pergunta subsiste: em caso de cancro, sida, esclerose em Placas, Doenças Mentais, é ou não possível tratar do Corpo e do Espírito em simultâneo, com resultados potencializadores ou sinérgicos, de acordo com a 3ª lei da ressonância cósmica ou «função emergente».

- Atingir em vida a Pedra Filosofal será talvez a expectativa mais grandiosa criada pelo método de Etienne Guillé: nunca se diz que é fácil, de facto, mas afirma-se que é possível e aponta-se um Caminho. Quando o segredo dos alquimistas era considerado, para todo o sempre, um segredo perdido, quando a busca do Graal se tinha colocado, para sempre, no domínio dos mitos inacessíveis e desincarnados, esta possibilidade torna o método de EG fascinante mas, por isso mesmo, cria-lhe responsabilidades imensas. Se os «segredos» guardados durante séculos nas e pelas várias ciências ocultas (que por algum motivo eram ocultas), são agora revelados - e revelados a toda a gente - coloca-se a questão: que preço terá cada Operador que pagar por ter acesso ao Tesouro de todos os Tesouros, ao que, exactamente por precaução, se mantivera secreto?

Risco certamente enorme é também o que decorre de ser posto nas mãos da Humanidade o Tesouro dos Tesouros - o acesso à vida eterna - apenas com algum trabalho, paciência, sorte, algumas crises psicossomáticas e algum stress acrescido.

O prémio proposto - o acesso ao Espírito Santo - é de tal modo valioso, precioso, único, que no mínimo nos deveremos interrogar se o merecemos e o que fizemos afinal por isso.

- Guillé dá força a conceitos que entretanto se tinham banalizado por inoperantes: «ganhar a vida eterna» é um desses conceitos. Se é certo que a data de 26 de Agosto de 1983 e seguintes justifica cosmicamente que na terra seja agora possível tudo o que até agora era impossível, a dúvida persiste: o facto de haver agora a grande força cósmica a ajudar, será suficiente para sair do Caos, da Terra, do Fim apocalíptico em que a Terra se encontra?

«Quando se desespera de tudo, é então que a Esperança aparece»: este é outro conceito (bíblico) que o método de Etienne Guillé re-ilumina, sendo ele próprio, como método, a Reencarnação da esperança. Não há palavras humanas para significar o júbilo e o alcance de uma tal *démarche*. Há quem tenha chegado a Guillé, quando já estava

com o pé no estribo do suicídio. É evidente que o método Guillé trava qualquer tentativa de suicídio, mostrando como essa tentativa é grotesca e porque o método é um método de glorificação e corporificação da Vida. Mas quanto tempo decorrerá até que o suicida saiba mesmo que não pode suicidar-se, ou até que o suicídio se torne mesmo irreversível? Quando irá ele sentir que, pelo método de Guillé, e trata mesmo de renascer e viver uma segunda infância e não de morrer?

- Viver uma segunda infância depois de Guillé e da primeira fase da transmutação, é, aliás, o que se lê em testemunhos de alguns dos que se iniciaram no método. Quanto tempo irá durar esse estado de graça? Será ele o princípio irreversível de uma caminhada para a Luz ou terá recaídas? E quando formos Luz já nada nos doerá nem afectará nem atormentará? Qual das duas sentenças bíblicas é mais verdadeira: «És pó e em pó te tornarás» ou, pelo contrário, esta outra: «És Luz e em Luz te tornarás»?.

A verdade é que tudo isso está implícito na estratégia iniciática de Guillé. Se ele não estivesse investido de uma missão transcendente e providencial, teria ousado propor o que propôs, prometer o que prometeu?

- Desafio demasiado alucinante para poder ser mentira é o da interpretação unificada que Etienne Guillé faz, a propósito da «hereditariedade vibratória» por ele descoberta, dos antecedentes desta hereditariedade, dos deuses de várias épocas, desde os iniciados egípcios, com o deus Ptah, passando pelo deus Hefaiostos (dos alquimistas), pelo Deus Pan, pelo Deus Vichta (Índia) e, finalmente, por citações da Bíblia e do Zoar: à luz da linguagem vibratória de Etienne Guillé, as histórias destas histórias não são fantasias mas correspondem apenas a um «código cifrado» com que os narradores cotavam realidades muito reais daqueles tempos para sempre idos e perdidos.

Mergulhados, entretanto, na Era dos Peixes, essas histórias de deuses como entes reais, tornaram os deuses, cada vez mais, matéria de ficção e superstição, matéria inacessível no cada vez mais denso mundo de matéria em que mergulhámos. Falar de deuses, durante a Era dos Peixes, foi falar de entidades perfeitamente inexistentes, quando não mesmo caricatas. Guillé diz que não, de forma irresponsável: foi a linhagem ininterrupta de entes vibratórios.

+

<da-13><adn>

VIDA É TUDO O QUE VIBRA

29/12/1992 - Lendo o que Etienne Guillé nos descreve do Egipto Antigo e conhecendo a sabedoria eterna contida nas suas pirâmides, nos seus túmulos e nos seus hieróglifos, compreendemos de um «*flash*» porque foi incendiada a Biblioteca de Alexandria.

É que sabemos também por EG que é eterna a luta entre as forças (energias vibratórias) de Deus e as que, pela lei da acção-reacção, eternamente se lhe opõem. A Biblioteca de Alexandria foi destruída num momento em que as forças da reacção estiveram vitoriosas, talvez porque Deus estivesse distraído... E é como se Etienne Guillé nos devolvesse o que na Biblioteca de Alexandria estivera guardado e ficou enterrado para sempre. Para sempre, não: só até 26 de Agosto de 1983.

A extensão da palavra «ser vivo» surge em Etienne Guillé de uma imensa vastidão, muito maior do que o significado «biológico» e até «comum» do ser vivo. Por isso os metais, as Cores, a Terra, as pirâmides de pedra são seres vivos. O plástico, que não vibra de todo, é que de facto não é um ser vivo. Mas se a Terra é um ser vivo, compreendemos então que o «mundo cosmoétrico» significa esse mundo onde os seres vivos são não só os que até agora classificávamos como tal, mas todos os outros,

inclusive palavras e símbolos, que tínhamos como «mortos». É por isso, talvez, que o nosso conceito de morte se alargará (ou restringirá) também e à medida que testarmos e constataremos tudo o que vibra, quer dizer, tudo o que vive.

Quando se diz de alguém ou de alguma coisa viva que está «eléctrico», é porque ele «vibra». Nesse caso, tudo o que vibra na escala do espectro electromagnético (ondas e micro-ondas de diversa frequência, longitude e intensidade) é lícito também começar a ver esse mundo «ondulatório» como ser vivo: parte do mundo cosmoétrico, tal como o ser humano.

+

<da-14><adn>

Arcos, 16/1/1993 - Uma tese que me surge hoje, com veleidades de ser 70 % verdadeira, é esta: os 7 metais alquímicos não excluem as dezenas dos outros metais. Mas esgotam os «tipos vibratórios» que a gama dos metais contém (em equivalência de ressonância com os 7 planetas). A substância bioquímica dos minerais é, evidentemente, diferente. Mas os tipos vibratórios em que todos eles, os da tábua de Mendeleiev, se podem inscrever, seriam apenas sete. Se esta tese estiver certa, evidentemente. E o tipo ou tipos vibratórios que se tornam terapêuticos são também os que emanam desse esquema septenário.

Mas a big questão dos «metais» continua permanentemente um desafio e parece-me que no círculo dos terapeutas de RA, ainda não se lhe está a dar a devida importância. Se a resposta a todas as questões levantadas por Etienne Guillé sobre a questão, é «Basta trabalhar os metais com o Pêndulo», porque dedica ele um terço do livro «*L'Alchimie de la Vie*» aos metais e quase uma conferência inteira, como é o caso da que pronunciou na Sorbonne Richelieu, em 197?.

É preciso, creio eu, uma atenção mais intensiva à questão dos metais, o que está intimamente implicado na outra grande questão que é: o que há a fazer a nível de suporte (nomeadamente no campo alimentar) para «suavizar» as grandes mudanças que a transmutação alquímica implica.

Este percurso é de facto feito de surpresas e súbitos «flashes». Foi (só) agora, repentinamente, que vi uma das distinções fundamentais neste sistema da RA: Corpo Espiritual e Espírito são, de facto, entidades que se definem a níveis vibratórios muito diferenciados, fazendo embora parte do mesmo todo. Ainda que a estrutura hierárquica seja difícil de aceitar por em ex-anarca como eu, com todos os ex-preconceitos ateus, individualistas e a atitude, essa justa, anti-poder material (anti-Estado). Não há dúvida que é na estrutura hierárquica de níveis vibratórios que assenta toda a lógica do método e do sistema da RA.

+

<da-15><adn>

BIPOLARIDADE YIN-YANG DÁ AJUDA À ANÁLISE GLOBAL DOS SISTEMAS

(OU COMO APLICAR O PROGRAMA MACROBIÓTICO, NO COMPUTADOR DA RADIESTESIA)

1 - Duas forças antagonistas e complementares se digladiam desde sempre e para sempre no universo, desde o macro ao microcosmo, enquanto houver vida incarnada, enquanto houver (e mesmo quando deixar de haver) matéria. Essas forças antagonistas e complementares que animam o universo - expansão e contracção - revelam-se necessariamente tanto a nível macro como microcósmico, tanto no infinitamente grande como no infinitamente pequeno (célula). Do Uno primordial saiu o 2.

2 - O dinamismo da vida (mas também a conservação) derivam desse antagonismo de forças opostas mas complementares, a que a ciência bioquímica chama, por exemplo, cargas positivas e cargas negativas, mas a que a dialéctica taoísta, com conotações menos judicativas, chama yin-yang. É ainda essa energia, ou até esse diferencial de energias, que produz a bombagem do interior para o exterior da célula e viceversa, operando-se assim as trocas essenciais à vida da célula viva.

A «força da conservação» e a «força de evolução» é, assim, outra forma dual de designar o mesmo conjunto de forças opostas mas complementares. Compete ao ser humano, na prática alimentar diária, manter o equilíbrio entre as duas forças antagonistas complementares: mas, na densa matéria em que nos encontramos atolados neste final de século, de milénio e de era zodiacal, dominam as forças conservadoras, as da preguiça e da estagnação, bloqueando quase completamente as da evolução, do progresso. Mais: tudo é regido, neste final de século, de milénio e de era, por um conceito perverso e pervertido, e que consiste em chamar «progresso» exactamente ao máximo de concentração material, exactamente à total estagnação das forças mais conservadoras e retrógradas, ou seja, ao desenvolvimento da materialidade, dura, compacta, inamovível.

Ou as energias «*soft*» animam de novo este suporte ou o atoleiro chegará à fase de se mineralizar. De se petrificar. Fim este que estaria de acordo com a moribunda era do Petróleo e do Petrodólar.

3 - Ao falar de bipolaridade, Etienne Guillé está, apesar de tudo, mais próximo da questão central do que quando fala de dualidade, daquela dualidade que ele verifica por tudo o que é matéria viva e largamente analisada em vários capítulos.

Falando de Bipolaridade na membrana celular, invoca-se imediatamente a Bipolaridade yin-yang que a macrobiótica estuda e sistematicamente aplica, como é o caso dos 5 sabores e respectivas polaridades: mas toda a macrobiótica gira à volta desta polaridade yin-yang, o que significa que se trata de um sistema aberto, dialéctico e em movimento. Quer dizer: vivo. Cria ordem e não a desordem.

4 - A diferença de potencial (dpp) associa-se também ao dinamismo, ao movimento e à bipolaridade. É inevitável que a noção de «carga eléctrica», de «carga electro-magnética», acabe por ser aquela que a ciência tem mais à mão para exprimir o que pretende, ao falar de assimilação, daquilo que a célula rejeita e daquilo que a célula aceita. O antígenos-anticorpos, é disso um exemplo apontado por EG.

As moléculas de água e a carga iónica da célula - bases bioquímicas da macrobiótica - enquadram-se também na noção de bipolaridade energética.

5 - As energias de que se fala em metabolismo alimentar são assim as energias «luminosa», «química», «calórica», «eléctrica», etc. É, portanto, do corpo, do suporte vibratório que se fala, ao falar das diferentes formas de energia material que animam o suporte vibratório.

Mas não fica claro, em EG, se é já de «energias vibratórias» que ele fala, a este nível dito electro-magnético.

A ciência bioquímica fala de cargas negativas e de cargas positivas, ao tratar de potencial transmembranar. A conotação judicativa desta linguagem desaparece da nomenclatura taoísta, onde o yin yang não contém qualquer ideia de positivo ou de negativo mas de opostos complementares. É ainda a diferença que vai de uma abordagem holística e global a uma abordagem analítica, dual. Por isso EG teve que recorrer, para entender a vida, à análise global dos sistemas de Bertalanffy: não precisaria desse apoio, se partisse da cosmologia taoísta para perceber o movimento da vida. Água e iões, segundo EG, são as duas «camadas eléctricas» da célula. (Não deixa

de ser pertinente (e até corajoso) que um cientista fale, a propósito de matéria viva, em «electromagnetismo» (a bipolaridade da molécula de ADN)

6 - Qual o papel do potássio, por exemplo, neste jogo dialéctico da bipolaridade celular? EG não fala disso, porque todo o capítulo sobre «potencial transmembranar» é uma análise estática das estruturas e não uma visão global e dinâmica e dialéctica do sistema em funcionamento.

A macrobiótica vai no sentido inverso: parte de uma noção global e holística de movimento para integrar elementos de análise: a noção de PH, iões, moléculas de água, etc.

7 - Quando EG diz que os metais alquímicos se encontram em sítios específicos do ADN não explica se esses metais «residem» lá ou se têm um movimento de entrada e de saída, movimento esse que depende da bipolaridade, e portanto daqueles elementos enunciados: PH, água, carga iónica.

Aliás, note-se, a «carga iónica» é indesligável da presença de metais. Para que haja ionização e portanto movimento, é necessário que haja metal mas é necessário também que haja água. É a este equilíbrio a três variáveis que só um método global como a macrobiótica tem alguma chance de dar resposta satisfatória. Uma visão dualista-reducionista continuará longe, sempre longe do problema... como sempre esteve através de toda a história da ciência ocidental.

8 - A vida depende das diferenças de potencial - diz EG - e os ritmos biológicos dependem dos ritmos cósmicos. A noção de «polaridade» é também, para EG, fundamental para sabermos como usar o computador.

+

<da-16><adn>

OS EMBARGOS DO EGO MENTAL

19/1/1993 - 1 - Há uma real ambiguidade da RA face aos múltiplos movimentos e escolas de carácter esotérico e neo-esotérico. Dá, de facto, a impressão que já está tudo dito. E que todas as escolas dizem o mesmo. Mas acontece, talvez, que a RA o diz de maneira integrada, ligando a teoria geral da informação a uma prática muito concreta de alquimia pessoal e de ajuda terapêutica às pessoas.

Respeitando todas as religiões sem se imiscuir em nenhuma, dando, a quem precisar, elementos mensuráveis precisos (ideologicamente neutros?) para apoiar o pensamento e a fé interiores. Enfim, realizando, no Pêndulo, a síntese dos contrários, realizando a Função Emergente, realizando a conquista do percurso que leva ao Espírito, sem possibilidade de Queda ou Retrocesso. Realizando, em suma, a Fé.

2 - Os Rosacruz de Max Heindel dirão que a morte também está no centro das suas reflexões, tal como acontece na RA. E cunham o termo Tanatologia, na sua natural preocupação, de dar uma nomenclatura científica actual ao que pode ser considerado «tradicional».

Um adepto de Krishnamurti, posto diante da RA, dirá provavelmente que também ele procura «o autoconhecimento» e a «busca interior». É um facto. E pode ser que isso lhe baste, desistindo de ir mais além na RA. Porque certamente iria mais além. Mas dizê-lo é, desde logo, rotulado de dogmático... O cepticismo está bem disseminado no oxigénio da Fé, tornando-o irrespirável. Por isso, sem querer, cada pessoa «conserva» a sua anterior ideologia, as suas anteriores convicções. Pelo menos, enquanto a grande mudança, a grande alquimia interior não se der.

Um adepto do Grande Oriente maçónico dirá, perante a RA, que não tem tempo disponível para consagrar ao Pêndulo e que o facto de pertencer a uma instituição com

sua disciplina não lhe permite «conversão» à RA. No entanto, acrescenta este inteligente seguidor da instituição maçónica: «Já tenho os livros de EG e vou ler».

Um irmão do budismo tibetano irá talvez considerar que a RA, recorrendo à fonte da tradição egípcia, «cultua» os mortos, pois é essa a ideia «funerária» que o Ocidente moderno, à volta do Enigma e do Mistério egípcio, pôs a circular, ao ponto de designar por «Livro dos Mortos» o que é o «Livro da Iluminação».

Um terapeuta que pratica acupunctura japonesa tsubo, dirá que iniciou o trabalho com o Pêndulo, segundo a RA, mas que se «sentiu mal». De facto, o Trabalho com o Pêndulo, ao actuar no suporte vibratório, transmuta mesmo (transmutação). A essas mudanças a pessoa poderá reagir de duas maneiras: ou as entende e assume como processo inevitável de caminhar em frente e desestagnar - de Rosto para o Espírito, de Rosto para o Infinito - ou desiste porque, a nível do corpo físico, se «sente mal».

A pessoa esquece que o corpo físico é apenas um dos seus 7 corpos e de que os sentidos com os quais ajuíza neste momento são cinco, quando tem doze sentidos a desenvolver. A pessoa também não repara que está a «ajuizar» com valores de nível anterior (inferior?), factos que se estão já a passar a níveis seguintes (superiores?). E ignora ou rejeita, então, uma das leis da ressonância cósmica vibratória que diz: é o superior que comanda o inferior, e não o inferior que determina o superior.

A sua mente, o seu corpo mental (um dos seus 7 corpos) está afinal a classificar, a valorizar, a ajuizar segundo os seus critérios de avaliação, factos ocorrentes a níveis superiores a esse corpo mental.

Talvez seja também uma inversão desta hierarquia pré-estabelecida o que se verifica nos outros casos: é sempre o mesmo ego mental (seja de raiz krishnamurtiana, rosacruz, maçónica, budista) que ajuíza sobre factos que estão situados acima do corpo mental.

3 - A excessiva emotividade (o Fogo interior não animado de inteligência e ordem vibratória) pode ser um bloqueio quando enfatiza as divisões entre belo e feio, agradável e desagradável, o «sabe bem» e o «sabe mal», etc. É ainda o «ego mental» (o corpo mental) a dividir o mundo em contrários, esquecendo que: ou se faz a síntese dos dois e todos os contrários deverão então resultar num terceiro termo emergente; ou, enquanto contrários, o verso tem sempre um reverso, o muito agradável paga-se sempre com o muito desagradável, o muito doce com o muito amargo, o muito desejável com o muito indesejável, etc.

+

<da-17><adn>

OS GRANDES MOMENTOS (E DESCOBERTAS) DO CAMINHO INICIADO PELA GNOSE VIBRATÓRIA (RADIESTESIA ALQUÍMICA OU HERMÉTICA)

... nos velhos tempos, na bíblia, chamavam-lhe YHWH ou «Jeovah», o que significa «eu sou» ...

- Poder fazer, por exemplo, do trabalho com os metais uma autoterapia para todos os momentos - só consigo próprio e sem mais nada - é com certeza uma das descobertas que tornam a radiestesia alquímica um caso singular no contexto das concepções médicas tradicionais e mesmo no contexto das chamadas medicinas doces

- A escala temporal das eras cósmicas (41 mil anos) em que se coloca a *démarche* da RA e a escala espacial (entre dois infinitos) são dois aspectos que assinalam a singularidade, a ambição e o alcance deste método: que, de facto, não brinca em serviço nem se contenta com as relatividades do relativo, porque mergulha em pleno Absoluto. Para quem ouviu sempre de todas as filosofias e cepticismos de que o Absoluto é inacessível, tem o seu quê de vertiginoso esta proposta

- Outro momento vertiginoso da radiestesia alquímica é a forma indiscutível - pelo menos para um cérebro racional - como nos é apresentada a «incarnação» do espírito que nos escolheu como suporte no momento da concepção: quando o espermatozóide fecunda o óvulo, é o espírito que vem animar (anima, alma) essa primeira célula, esse primeiro ADN

[Uma pequena dúvida apenas paira sobre este ponto: se o Espírito vem animar o suporte, o ser humano que irá nascer dentro de 9 meses, como vai ele levar uma vida para «tocar» o espírito que lhe pertence? Estará a explicação - e a resposta - nas «energias negativas» (do espírito) e «nocivas» (da alma) que através das eras curto-circuitam constantemente o acesso de cada um a si próprio? De cada um ao Espírito que o visita no momento da fecundação?]

- É particularmente frisante o momento em que o Operador consciencializa o facto de que o até agora chamado «inconsciente colectivo» assume cada vez mais todo o processo do diálogo com o invisível: o «inconsciente» torna-se, na sua natureza global e holística, o mundo onde tudo o que é importante se passa, onde o Todo se passa. O Todo ou o Absoluto, como dizem os nossos guias.

- A DESCOBERTA DO SER HUMANO COMO UM SUPERCOMPUTADOR CÓSMICO - Que o corpo (o corpo do ser humano) é a aparelhagem não só mais sofisticada e perfeita, mas a única capaz de captar as energias do mundo vibratório eis, com certeza, um dos momentos de descoberta mais faiscantes deste Método: de facto, no universo vibratório, tudo se passa com cada ser humano e seu inseparável ADN, receptor específico das energias vibratórias, algumas das quais só existem no imaginário da Humanidade, como é o caso dos deuses, de buda, de Deus ou do Divino, ou outras que nem sequer existem no imaginário humano.

Quando, na nossa época de perversões e pretensiosismos tecnológicos, [Cassete E, JNK-II] o Computador é divinizado ou, no mínimo, comparado ao cérebro humano, descobrir que o Ser Humano (e não só o Cérebro mas também o Cérebro) é a aparelhagem mais perfeita e sofisticada (e a única que existe) no Universo, para conhecer e comunicar com deus (com o Divino), a comparação com o Computador ou com qualquer outra máquina não é só degradante porque é supinamente ridícula. Colocar o ser humano no concerto cósmico e divino é uma das descobertas mais espantosas desta *démarche* e que jamais fora feita durante 41 mil anos de Escravatura e degredo da Humanidade enterrada no Grande Caos...

- Derivada da anterior descoberta é esta outra, tipo relâmpago de Damasco: O Ser humano é o único ser do Universo para completar a obra de Deus. O que levei anos de anarquista, ateu, agnóstico, céptico, etc., a (não) perceber nas especulações desse metafísico abstracto que se chama Teilhard de Chardin, vi-o agora como num *flash* grandioso quando peguei no pêndulo à luz da RA

- Derivada da anterior descoberta, a alteração verificada nas escalas hierárquicas e das escalas de valores pelas quais se rege a Humanidade é uma das consequências mais imediatas e funciona como um relâmpago: o Mental (e, portanto, a ciência, a tecnologia, o poder, a política, a finança, enfim, a Trampa toda, etc.) fica num lugarzinho tão diminuto e ridículo - tipo vão de escada - que chega a meter dó: essas excrescências - abencerragens - da matéria aparecem apenas (e só assim têm importância), como bloqueios, atrasos de vida, curtos-circuitos no caminho do ser humano para si próprio, quer dizer, para Deus

- Descobertas já adquiridas através dos tempos, como a «sincronicidade» e o «inconsciente colectivo» (Carl Gustav Jung), ou como o Ki (ou Tchi), a Lei dos 5 Elementos e o Princípio das Correspondências Mágicas da medicina tradicional chinesa, ganham, à luz da Radiestesia Alquímica, uma inesperada consistência e clareza.

Porque é que o Baço-Pâncreas é Terra, o planeta Marte é Ferro, o Planeta Júpiter é Fígado, - como diziam os chineses há 10 mil anos antes de Cristo - só agora, com a Lei das Correspondências Vibratórias - ganha uma evidência racional e lógica indiscutível. E alucinante de tão óbvia, de tão evidente. É com certeza um dos momentos mais deslumbrantes na Rota da RA.

- Constatar que os míticos segredos da Alquimia, reiteradamente dados como perdidos em toda a bibliografia do género, estão, como sempre estiveram, ao alcance de todos nós e que a Alquimia, como a ensina a RA, pode passar a ser uma prática quotidiana das nossas cinzentas vidas, levará provavelmente algum tempo a assinalar pelo Aprendiz da RA. Mas não terá outro remédio do que perceber que essa Alquimia se passa no laboratório do ADN dos seus 600 biliões de células, quando começar a sentir as transmutações pelas quais o seu corpo, o seu psíquico, o seu mental, o seu afectivo, o seu comportamento, o seu anímico, está passando. Quando olhar para trás e sentir a diferença abismal que se verificou em um ano, não terá outro remédio do que acreditar que Paracelso está outra vez entre nós e de que a medicina hispagírica aparece com todos os segredos revelados. Nem o facto de saber, também, que a Pedra Filosofal não é já para amanhã, o fará esmorecer o deslumbramento de se saber a caminho e em pleno processo alquímico. Antes pelo contrário, a meta da Pedra Filosofal torna-se um motivo de vida para lá da morte. E não há mais depressões que vençam o mais deprimido dos esquizofrénicos quando se visa uma meta de Luz. Houve quem, ao ler os livros de Etienne Guillé, tivesse ficado como quem toma um alucinogénico...

+

<da-18><adn> diário de um aprendiz

QUANDO, EM RADIESTESIA, SE FALA DE «MEMÓRIA»

20/4/1993 - Quando, em radiestesia, se fala de «memória», deverá precisar-se que é a memória do ADN genético, a memória do Corpo, a parte conservadora da nossa estrutura. E quando se fala em destruir as pesadas «memórias» desse passado, talvez não seja tanto «destruir memórias» (que são indestrutíveis) mas animar os dois outros adn, o da alma e o do espírito - de forma a que sejam escritas as páginas em branco do nosso destino. É aqui que se fala do «livre arbítrio», de «liberdade» e de «libertação». Tudo isso passa, portanto, pelo desenvolvimento, pela animação, pela reactivação dos nossos genes «móveis» (os do ADN da Alma e os do ADN do Espírito) já que os do «corpo» (a nossa herança genética) são imutáveis.

Uma das minhas pequenas perplexidades, hoje, é saber se o apego a certas imagens da infância, aos livros da escola primária, ao «naif» de um tempo e de um discurso passados não serão apegos que, à luz da radiestesia, se poderão considerar «parasitas» das (minhas) melhores energias. Aliás, essas memórias próximas, comparadas às memórias dos Dinossauros, por exemplo, com 350 milhões de anos, serão mais fáceis ou mais difíceis de superar? Certas estruturas - a de favos, por exemplo - em relação às quais tenho uma sensação de repugnância - as célebres «fobias» - terão que ver com essa parte do ADN que é a da memória genética e do sonho? Será aí que se situa o famoso inconsciente colectivo, ou o inconsciente colectivo - e, portanto, os sonhos - já pertence à Alma e/ou ao Espírito? Ou seja: aos códigos vibratórios e não ao código genético?

Quando ouço as pessoas carpir-se de que se rendem ao MAGA porque têm de sobreviver, porque precisam de ganhar o pão de cada dia, costumo pensar na profissão MAGA e prostituída que tenho vai para 30 anos - o jornalismo. De facto, não é fácil a gente libertar-se de uma destas. Mas a verdade é que tem mesmo de libertar-se. E a

única diferença é que agora, depois de 26 de Agosto de 1983, já temos menos um alibi para não mudar, pois é o Cosmos, o Novo Cosmos, nascido em 26 de Agosto de 1983, que nos convida a mudar. Esta é a questão. Cada um sabe o MAGA onde está metido: e se se quer curar, o melhor é mesmo não alimentar mais esse MAGA. Basta que se limite a suportá-lo. A militância ecologista - vejo-o agora - era uma fraca resistência à invasão de MAGA, a que chamei coisas como Abjecção; Terror, Entropia, Trampa, os 3 M (MERDA, MORTE, MENTIRA).

Foi isto que me levou a dizer «Abençoados Inimigos», quando, em Abril de 1992, descobri a radiestesia, puxado pelo guindaste de Manuel Fernandes e da Maria. Foi isto que me levou a dizer: abençoados os 59 anos de vida que eu perdi para encontrar esse momento. Afinal, podia ter sido ainda mais infeliz - se viesse a morrer sem encontrar esta morte que me permitiu conhecer um pouco menos mal a Morte.

+

<da-19><adn><c/emendas> - trabalhar com o pêndulo - segundo o método de etienne guillé

CRÍTICAS À FORMA COMO A RADIESTESIA É TRANSMITIDA

1 - Após um ano de se ver envolvido com a radiestesia, chega provavelmente o momento de o Aprendiz (se) perguntar se não estará metido num buraco (irreversível) maior do que aquele do qual julgou safar-se. Os sinais contraditórios que recebe são mais que muitos e por mais que tenha ouvido falar, nos seminários e conferências, na lei da ressonância vibratória, e no facto de esta lei «não ter nada a ver» com a lei de causa-efeito, com uma leitura linear da realidade, por mais que o tenham doutrinado de acordo com o método da análise global dos sistemas, a verdade é que ninguém - nem ele nem os instrutores - consegue dispensá-la e aguentar-se interminavelmente num tempo sem tempo e num espaço sem espaço, numa dialéctica que ora é trialéctica, ora é tetraléctica, ora é pentaléctica, etc.

2 - Se, para não partir a cabeça num dos muitos tombos, o Aprendiz tenta segurar-se agarrando-se ao prático, às aplicações práticas do método, como é o caso do «transfert» de energias, a chuva de contradições é igualmente copiosa. Numa página lê que o transfert é acessível a toda a gente, desde que aprenda, mas na página seguinte já lê que ninguém deve fazer transfert nem querer considerar-se Deus! Primeiro o transfert é democrático, para toda a gente, mas depois é só para eleitos, para hierofantes, para os iniciados nos mistérios de Elêusis, para os faraós propriamente ditos, «especialistas em transfert», como diz Etienne Guillé (EPH, _____).

É escusado perguntar em que ficamos, porque nunca nos ficamos, estamos sempre a mudar. O curioso é que o método de radiestesia tem uma série de respostas feitas (prontas a responder) para todo o tipo de questões deste tipo que o Aprendiz possa fazer.

3 - Se o aprendiz se vê grego (ou egípcio) porque tudo muda constantemente, logo lhe acenam com as virtudes da mudança e o pecado da estagnação. Se o Aprendiz geme porque de hora a hora mudam as referências - os diagramas ilustrativos, por exemplo, e os eixos hierárquicos - logo a mesma resposta de mudança lhe cala a boca. Se o Aprendiz procura ser humilde, logo lhe dizem que o maior orgulho é o da humildade. Se procura fugir ao poder do dinheiro, logo lhe dizem que só quem merece esse poder o pode legitimamente ter e que mais vale ser pobre toda a vida do que ir parar ao Inferno (como se não estivéssemos no Inferno).

4 - A propósito de Inferno, o diagrama dos potenciais energéticos é também ilustrativo das contradanças a que o aprendiz é submetido: dizem-lhe para (se) autotestar

o seu nível vibratório, mas depois dizem-lhe que afinal aquilo não serve para nada, serve só para o fazer claudicar no seu egozinho egoísta.

A respeito de «impecabilidade» - virtude principal exigida ao iniciando - o Aprendiz pergunta se a impecabilidade é prometer e não cumprir, mudar de humor e opinião de 5 em 5 minutos, cobrar 20 contos por seminário e ainda ratear, ainda escamotear informação, se impecabilidade é ter escolhido o Hotel da Lapa para sede da radiestesia em Portugal, se impecabilidade é deixar as pessoas entregues aos stresses desestruturantes sem nunca lhes ter explicado o que é um stress positivo e o que o distingue de um stress negativo. Será impecabilidade ir dando a informação teórica em rajadas e a informação prática em conta-gotas, sem parar para tirar dúvidas de fundo? Será impecabilidade confundir todos os tipos de Aprendiz e mandar recados aos que querem a radiestesia para ganhar dinheiro a dar consultas, como se não houvesse quem procure a radiestesia exactamente como derradeira alternativa ao desespero e ao suicídio, como um caso de vida ou de morte. Se os mais bem informados, energeticamente falando, não distinguem quem têm diante, quem irá distinguir?

+

<da-20><adn>

YHWH SIGNIFICA EU SOU

Quando ouço as mais variadas desculpas que o ego intelectual, emocional e profissional das pessoas inventa para se furtar à responsabilidade que é o confronto do espírito consigo mesmo, proporcionado pela RA, não posso deixar de esboçar um riso um tanto amarelo... Afinal, de que serve ter a Idade de Ouro mesmo à mão de semear, se, agora que a temos, arranjamos todas as desculpas e pretextos para lhe continuarmos de olhos e ouvidos fechados.

Não é que isso me apoquente - cada um sabe de si - mas deixa-me, confesso, um bocado perplexo, a ginástica que se faz para fugir à RA e portanto ao Espírito. Se for um marxista-leninista, credo que abominação falar em Deus! Guarda demasiado religiosamente os clichés da formação marxista, para poder livremente entrar no mundo de liberdade que se acostumou a rotular de místico.

O ego intelectual das pessoas olha muito para as galerias. «O que iriam os camaradas dizer, se eu...» Depois há as razões com alguma razão. Ao confundir-se instituição com religião, hão-de persistir raivas antigas anticlericais, não se conseguindo, com esse preconceito, dar atenção à religiosidade, de certo modo pura, de monges ou místicos. Etapa Mística não é ainda iniciação mas é melhor que nada. O enciclopedismo iluminista estende-se inclusive aos de filiação maçónica que nunca, aliás, me conseguiram explicar como conciliam a teosofia com o ateísmo. Prefiro o Pascoaes que se dizia ateoteísta.

Mesmo alguns de alegada formação esotérica, Rosacruz por exemplo, são capazes de ficar prisioneiros do vampirismo espírita. E os antigos acupunctores nunca irão abrir-se descontraidamente à Fé da RA. Ah! Os egos intelectuais, políticos, profissionais, emocionais! Khrishnamurti fez do ego o seu cavalo de batalha de intelectual da iniciação. Quantos terão diminuído o próprio ego lendo Khrishnamurti? Há adeptos de Krishnamurti tão fechados como ostras, como os inimigos dele ou os dele ignorantes.

Ter umas vagas luzes de Radiestesia empírica, ou de Astrologia, pode significar um completo desastre no estudo, que se pretende despreconcebido, da Radiestesia Alquímica.

Os clichés - que através das épocas conduziram às escolásticas - são sintomas dos egos e os amadores de astrologia estão cheios de clichés. Ofendem-se, se se puser em causa o mínimo desses clichés. Mas a palavra de ordem, severa, da RA, é mesmo essa:

«Apaguem dos vossos egos os clichés, as ideias feitas e fixas, os slogans das ideologias, os ódios meramente mentais à instituição A ou à instituição B.

Que se saiba, Instituição, Estado ou Igreja, foi sempre a mesma merda. Uma das formas de surdez mental é essa: o apego às palavras de ordem que uma formação anti-clerical ou clerical, inculca nas almas. A aproximação da *démarche* alquímica tem que ser suficientemente violenta e exigente para pulverizar esses clichés. esses egos, esses convencimentos. Foram-nos ensinando de que a palavra Deus era pecaminosa e têm que ser ateístas até ao fim da vida.

Mas não se trata disso: trata-se de, atrás de cada palavra, tornada inevitavelmente cliché, pôr o conteúdo que lá devia ter estado sempre mas que foi degradado pelas instituições que dessas palavras se apropriaram. Deus tem sentido, Espírito Santo tem sentido, Fé tem sentido, Pecado tem sentido, etc. mas não no contexto onde as igrejas as meteram e no qual as esvaziaram de sentido. É à linguagem primordial - antes das igrejas e dos padres - que teremos de ir hoje e recuperar a nomenclatura a que temos direito. Yahweh já não é Jeová, mas Yhwh, que significa, pura e simplesmente, Eu Sou.

<da-21><adn> - *exercício de emergência com dmitri merejkovsky*

CONVICÇÕES SÃO APEGOS

«O triunfo é do Galileo, mas a vitória será nossa, um dia... Os deuses hão-de voltar... todos seremos deuses.»

Imperador Juliano

10/8/1993 - 1 - Se, através do trabalho com os metais, entrar em ressonância vibratória com os planetas e outros níveis superiores de energia cósmica, creio que a minha capacidade de ver o uno no múltiplo, entre outras capacidades, se multiplicará. E que verei a unidade que subjaz a todo o léxico do sagrado, por mais marcados pelas condicionantes conjunturais que tenham sido. O aviltamento do Sagrado está a chegar aos seus limites históricos, na proporção directa do materialismo mais grosseiro: a publicidade, como acabo de ver na RTP, em uma produção da BBC sobre o turismo no Egipto, a publicidade aproveita os símbolos e monumentos mais sagrados para anunciar voos charters, ou mesmo o Palácio de Potala para anunciar automóveis.

A Queda no Abismo (do) material mais ignóbil e grosseiro vem seguindo a sua vertiginosa escalada para o abismo. Mas as épocas ou eras zodiacais estão aí para desculpabilizar a acção devastadora do ser humano sobre si próprio, esmagado sobre si próprio. A decadência do «progresso» (retrocessos do Progresso como lhe chamei) é geral, como poderíamos não ser também atingidos? Mas haverá hoje desculpas, hoje que nos foi doado, de bandeja, o Fio de Ariadne da Sabedoria? Invoca-se o conforto que podem dar certas práticas como espiritismo. E o Aprendiz pergunta se alguém tem o direito de retirar a alguém esse conforto em nome de uma pretensa verdade objectiva.

2 - Enquanto não puder demonstrar, numericamente, com o pêndulo, que o espiritismo é uma prática com frequências vibratórias x e a radiestesia ou trabalho com os Metais uma prática com a Frequência Y, não tenho o direito de criticar quem pratique o espiritismo. Só quando for claro como água límpida os níveis vibratórios a que agem certas práticas - como a magia negra - tenho o direito de propor às pessoas que se deixem disso... Desses vampirismos energéticos.

3 - É verdade que, à luz da hipótese vibratória, eu já desisti de muitas convicções que tinha como certas - e convicções são apegos como outros quaisquer. A (ideia de) Reencarnação, por exemplo, em que eu acreditava, está posta em causa pela RA. Mas

isso não me dá o direito de fazer os outros abandonar o conforto das suas convicções, dos seus apegos. Aquilo em que eu acreditei - por ordem alfabética, acupunctura, anarquismo, budismo tibetano, macrobiótica, racionalismo sergiano, realismo fantástico, socialismo democrático, surrealismo, taoísmo, zen - foi tudo posto em causa à luz da Hipótese Vibratória. Acho que devia ser assim. Acho que não podia deixar de ser assim. Acho que não se pode estagnar em uma convicção - um Apego - por mais firme que ela seja. Mas não tenho o direito de propor a ninguém que «ponha em causa» as suas convicções - os seus apegos - e os alicerces da sua fé, por mais podres que esses alicerces me posam parecer. Desculpem-me, pois, se vos ofendi.

4 - A reverência das grandes figuras é um equívoco histórico e um sofisma monumental que a Era da Queda instalou nos seres humanos para os fazer resignar-se à mesquinhez da sua condição. Todos temos Deus em nós e podemos, devemos descobri-lo. esta é a regra de Ouro da nova Idade de Ouro. As vidas ilustres dos grandes iniciados, como escreveu Eduardo Schuré, a vida dos grandes músicos, a vida dos grandes pintores, a vida dos grandes santos, a vida dos grandes alquimistas (e não falo, claro, da vida dos grandes filhos da mãe que foram os Napoleões e outros em ões). Não é nada que nos faça ajoelhar. Cristo foi um ser humano como eu. Buda foi um ser humano como eu.

São casos. São exemplos, que chegaram até nós pela notoriedade pública. E como tal - como exemplos - nos devem servir. Não devemos é consentir que sejam eles a servir-se de nós. Nem eles nem outros espíritos através do espiritismo. A vida do mais anónimo dos anónimos é tão importante, à face de deus, como a de Einstein, Freud, Dostoiéwsky, Kafka, etc. O culto dos heróis é uma fraca proposta de Carlyle e os «representativ men» de Emerson o modelo de uma América do Norte que criaria no marketing o culto do materialismo mais abjecto e grosseiro. Um culto onde o Sagrado é matéria de publicidade turística. Em plena era do marketing é o culto do herói, do «representativ man», do premiado, do galardoado, do distinguido, que vigora para alimentar a guerra do «struggle for life», o egoísmo e a Inveja Social. O serem falados e famosos só nos podem ajudar porque o seu caso, tornado público, não pode servir como exemplo.

Mas mais nada. Abaixo a reverência. Abaixo a idolatria. Desconfiai das grandes épocas como a Renascença. Foram, de facto, os picos da decadência. Os picos do abismo invertido. O mero reflexo de um materialismo condensado em que a vida do espírito só era possível aos da Vinci, aos Miguel Ângelo, aos Savonarola, aos génios. A Era dos grandes homens está a chegar ao fim. Na Nova Idade de Ouro, todos os homens (seres humanos) serão grandes homens. E a Humanidade uma e única Alma.

+

<da-22><adn><>manual>

EGOS & APEGOS

AINDA O EXEMPLO DO APEGO ESPÍRITA

Cabo, 11/8/1993 - 1 - Quando me perguntam se me sinto «melhor» com a RA, tenho que reconhecer a falta de sentido da pergunta. As pessoas, de facto, insistem em considerar o mundo dividido em bom de um lado e mau do outro. Mais do que nunca, me sinto cada vez mais alheado desse padrão internacional de medida, pois não consigo dividir o mundo em bom e mau. Enquanto por cá andar acho que isto tudo é sempre a mesma merda. E quanto à saúde física, a diferença é só entre os limiares da dor física: a diferença - direi então - é que a dor física seja mais ou menos atenuada. De resto, é tudo bom ou tudo mau, conforme o ponto de vista, mais ou menos hedonista, em que nos

coloquemos. E se há coisa que sempre fui - antes e depois da RA - é anti-hedonista, com todas as fibras da minha alma. O que só, diga-se, me tem ajudado no Trabalho da RA. Que não é, obviamente, para hedonistas.

2 - Não se trata, portanto, no trabalho com o Pêndulo, de alguém se sentir pior ou melhor. Não se sente bem, com certeza, quem começa a mudar, depois de anos (séculos) de completa estagnação. Quando, com a vibração dos metais, as células começam a mexer, ninguém se pode sentir «bem». Deverá sofrer sinais, sintomas de que algo se está passando. Um balanço rápido das «alterações» que posso verificar desde Abril de 1992, leva-me a reconhecer que as mudanças mais profundas se passaram ao nível dos apegos não materiais, os Apegos dos Egos intelectuais. Egos e apegos parecem-me, de facto, quase a mesma palavra... Os meus apegos intelectuais, as minhas preferências literárias, os meus gostos estéticos, as minhas prioridades de leitura ou pessoais, sofreram de facto uma viragem estonteante que não consigo descrever em pormenor, tantas e tão subtis são elas. Muito daquilo em que acreditei (e já não era muito, mesmo assim)- as minhas «fés», no feminino plural - foi posto em causa e as fés parecem ter revertido cada vez mais em favor da Fé - no feminino singular.

3 - Se os apegos materiais parecem relativamente fáceis de detectar e caracterizar - facilidade que é ilusória, diga-se - os apegos intelectuais não os identificamos como apegos, ou seja, manifestações do nosso ego, mas virtudes, ou, na melhor das hipóteses, «bons vícios». Mas que, com a RA, me senti compelido a deitar borda fora muitas superstições que eu tinha como bondades definitivamente adquiridas e assentes, é verdade. A lista já a fiz, em dia anterior deste diário - file <da-21>. As famosas leituras que me «marcaram» - por isso lhes chamei marcantes - também essas surgem agora à luz de uma súbita ambiguidade. Quaisquer que tenham sido as leituras que nos «marcaram», a verdade é que se tratou sempre de «fazer emergência» com elas, Qualquer texto podia ter tido esse efeito... (Mas também não qualquer texto, como vou explicar isto?). Depende do lugar, do momento e do estado - sei agora, porque sei da lei de ressonância vibratória. A ambiguidade que referi reside, no entanto, em que havia mesmo afinidades reveladas especificamente por alguns textos, Talvez não tanto pelo conteúdo desses textos mas pela forma como esses textos faziam vibrar zonas específicas do meu ADN... E as memórias ancestrais? A nostalgia, ainda persistente, pelos livros da infância (os da colecção Manecas, por exemplo) deve-se a uma camada superficial - acredito-o agora - do meu Ego emocional, corresponde portanto a mais um Apego, ou é algo de mais profundo, na zona do subconsciente?

4 - Segundo ensina a RA, as memórias são todas para apagar e não para evocar. Mas poderão apagar-se sem as evocar? Sobre o processo de regressão dos hipnotistas e psicanalistas sempre tive grandes desconfianças. Mas hoje, à luz da HV, essas desconfianças crescem. De pouco adianta, na escala vibratória, regredir até ao feto. Assim como de pouco adianta o contacto espírita com os espíritos dos mortos. São níveis, como atesta a RA, que pouco interessam à marcha do ser humano para o seu próprio espírito. É com esse e não com os espíritos dos outros que cada ser humano se deve preocupar. Tudo o resto é Apego do Ego, é vampirismo do Ego. Por isso as técnicas manipulatórias - hipnotismo, espiritismo, magnetismo, shiatsu, yoga, etc - se podem classificar de aviltatórias, e pouco abonatórias de uma iniciação - de uma iluminação - correcta. Basta sentir a vibração de alguns espíritas para se sentir que de facto o caminho do espiritismo é do mais baixo Apego ao Ego: e um obstáculo tremendo à Luz. Por isso e sem rancor mas com veemência, a RA o exclui.

+

<da-19+-><adn><rever>

SEGREDO & SAGRADO: COMO FABRICAR A PEDRA FILOSOFAL

6/7/1993, terça-feira - 1 - Textos indecifráveis, enigmáticos e cabalísticos, é tudo o que resta dos alquimistas que floresceram na Europa, Médio Oriente e Norte de África, durante os séculos mais recentes. Se alguma vez os houve, os alegados ou/e autocognominados alquimistas, caracterizam-se assim por não existir. Por terem uma existência fictícia ou lendária. No entanto, ganharam o direito à eternidade sob o mito do oculto, do eternamente hermético. Escondiam-se atrás dos símbolos, mas nunca «deram» a chave para decifrar esses símbolos. Só aos iniciados. Mas nunca ninguém conheceu esses iniciados. E alguns livros de gravuras, bem belas por sinal, podem continuar a ser contemplados, mas só como obras de arte, tão indecifráveis como os textos. Como os seus autores, alguns refugiados num modesto anonimato. Como os símbolos que parecem desafiar a eternidade. De duas, uma: ou a mensagem era tão importante para o destino do homem, que se perdeu (dentro do eterno e insistentemente guardado segredo) e o homem perdeu-se com ela. Ou a mensagem não existia, ou nada dizia, e o homem ficou e ficará perdido, como sempre esteve, no universo infinito.

2 - Quando a Radiestesia de Etienne Guillé propõe a alquimia como a matéria central dos seus estudos, suscita naturalmente alguma desconfiança. Não admira. É uma desconfiança que tem séculos e até hoje não surgiu nenhum motivo que levasse a confiar. A ter fé. A Radiestesia propõe-se ressuscitar essa confiança, essa Fé. Entabula então um primeiro diálogo com os conceitos indecifráveis, que fizeram a fama dos alquimistas (se é que alguma vez os houve): Sal, Mercúrio e Enxofre filosóficos, a demanda da pedra filosofal, a que por vezes se chama, sem preconceitos, «fabrico» da pedra filosofal, Solve e Coagula, Nigredo, Albedo, Citredo e Rubedo (como fases de transmutação). Nada é ainda claro. São apenas nomes, a que não se visiona ainda um conteúdo.

3 - Em um dos seus saltos típicos sobre o desconhecido, a Radiestesia fala então de Alquimia «interior». Descobre que, além da pedra filosofal, a mais citada, há 3 níveis energéticos - corpo, alma e espírito - em que essa pedra deve ser entendida, e três designações diferentes são então aplicadas: pedra dos filósofos (corpo), pedra filosofal (alma) e pedra da eternidade (espírito). Aceitamos, porque, em Radiestesia, não é oportuno estar sempre a questionar. Aceitamos esta distinção, que faz sentido em função da concepção trinitária ou tripartida do Cosmos: corpo, alma, espírito. Mas não lhe vemos ainda um grande sentido. Percebemos que muitos se iludiram, pensando ter «fabricado» a pedra filosofal, quando afinal apenas tinham conseguido a pedra dos filósofos. A diferença, ao que parece, é que a pedra dos filósofos vibra a frequências muito mais baixas. O Aprendiz poderá testar ambas as palavras, dentro de uma linha fechada (a célebre «batata»).

Mas se sentir que o clima é inóspito, poderá refugiar-se num conceito já tornado óbvio e que pode constituir uma analogia didacticamente muito interessante. Todos os dias fazemos alquimia, pelo menos três vezes ao dia. É a alquimia alimentar. Trata-se de uma mera coincidência ou esta alquimia alimentar terá mesmo que ver com as «transmutações» da proverbial alquimia dos alquimistas?

Mas será possível que o segredo dos segredos se possa assim banalizar a este ponto? Entre os vários enigmas que os textos nos atiram, é frequente esse: não procures longe, não procures muito, tudo está dentro de ti... Pode ser que este óbvio banal signifique alguma coisa. Vê-lo-emos adiante?

4 - O título «*Mutus Liber*» deixa-nos uma boa pista: o «silêncio» (e os silenciamentos) é uma das preferidas jogadas dos alquimistas que, no entanto, sempre

foram dando voz e palavras a tão precioso silêncio... Não raras vezes invocam a mensagem da esfinge para justificar a conveniência de «calar». E o Tao Te King - «quem sabe não fala, quem fala não sabe» - pode também vir em ajuda. Terá chegado o momento de chegar ao segredo? Terá chegado o momento de o homem encontrar o seu destino, do qual parece perdido e separado para sempre? A radiestesia alquímica caracteriza-se por ter banalizado algumas dessas metas inatingíveis: e é por isso que alguns a estudam. Que alguns marram nos textos e cassetes as 48 horas do dia.

5 - Decifrável nos textos indecifráveis dos alquimistas, é a designação de «profanos» por oposição a «iniciados». Profano significa então pouco menos que leproso. Há um argumento histórico, um argumento com séculos de vigência e uma enorme actualidade, para afastar os «profanos» do segredo: é que eles, os profanos, não merecem abeirar-se do sagrado. Se houver algum que o mereça, nenhum sinal o distingue e que chuche no dedo. Ficar também na eterna categoria dos profanos ou profanadores dos templos. Afinal, o «ouro» da grande obra está guardado para quem o há-de merecer, sabe-se lá quando, sabe-se lá se nunca. É uma concepção didáctica da palavra iniciação, que guarda, desde logo, a iniciação a sete chaves. Não se viola o segredo porque ninguém o merece, e ninguém o merece porque é à partida, à priori, suspeito de não o merecer. O poder, o dinheiro, a ganância: o homem é, de facto, uma lama. E Belzebu anda sempre numa roda viva. Só os mestres são bons, está bem de ver. Aprendiz, à partida e até ver, é uma boa merda.

6 - Mas como a radiestesia convida ao baile, avancemos, embora com medo de estar em «pecado mortal». Os detentores do Segredo (do Sagrado), se alguma vez os houve, avisam-nos desse pecado e nunca ninguém sabe, até porque não sabe mesmo, se é digno e merecedor.

7 - O ponto 7 é um bom ponto para meditar, entre parêntesis, sobre a experiência que, desde sexta-feira à tarde, faz hoje 72 horas estou a cumprir... É o que eu chamo um dos meus stresses sazonais: uma hipersensibilidade (alergia) ao Sol, desencandeia :

a) Nas primeiras 24 horas, uma aguda irritação de garganta;

b) Nas 24 seguintes, a irritação (inflamação) de garganta sobe ao nariz e surgem as salvas de espirros;

c) Nas 24 horas seguintes, sobe à cabeça, mucos na garganta e nariz, pingo a cair em bica

d) Nas 24 horas seguintes, o auge dos sintomas antecedentes, todos ao mesmo tempo

e) Não há nada a fazer para deter este processo a que agora, depois da Radiestesia, chamo «stress». Mas ainda bem: a cada espirro, todo o organismo vibra, como se estivesse com saudades de vibrar. É desagradável. No Metro, no meio de tanta gente, uma salva de espirros faz virar as atenções. No inferno sem sombras que é a cidade de Lisboa às duas da tarde, ando a saltitar como um pardal de esquina em em esquina: ao mínimo golpe de sol, a minha mais antiga hipersensibilidade - ao sol - manifesta-se de maneira clara e óbvia. É chato, mas tenho que aceitar o ritual como o tal stress a que estamos obrigados para que haja alquimia. O suporte está fragilizado.

Durmo com a pulseira de cobre que foi da minha mãe. Será que a pulseira adianta alguma coisa nesta irritação? Não se trata de suprimir sintomas: trata-se de acelerar (ou antes, não retardar) o processo de stress que, sinceramente, não é nada agradável, mesmo que a radiestesia o recomende vivamente. Uma coisa é certa: os mucos estão sendo atirados fora, com a tosse e os espirros, graças a deus com alguma violência. Em nome da limpeza pública, abençoados espirros (que me deixam a cabeça num oito), abençoado pingo, abençoada tosse. À qual dou uma pequena ajuda, com Cebola, para despegar os mucos. Só não sei se Paracelso aprovaria esta sabedoria aprendida em Michio Kushi.

8 - Salto no desconhecido é o livro de Kervran, que continua na estante e que mantenho, por ser citado em Michio Kushi e em Etienne Guillé. «Transmutações a baixa energia» - diz ele. Tem que ver, evidentemente, com Alquimia. E só agora, agora mesmo, percebo porque teve a moderna ciência (do antigo sistema) que meter-se em matérias que eram matéria da ciência antiga. Desculpo ao Prigogine (Prémio Nobel da Química), ao Gilbert Durand (a paciência evangélica na selva dos símbolos), a Kervran, a Stephen Hawking, o cronista do tempo e, pela primeira vez, não lhes chamo chulos da ciência hermética. É que o avanço deles no campo do Sagrado só foi possibilitado pelo recuo sistemático dos detentores do Sagrado. Só foi possível porque os alquimistas de todos os tempos se fecharam em copas e nos deixaram, aos «profanos», a chuchar no dedo com esse rótulo nas costas. Os Fritjof Capra foram possíveis porque os alquimistas nos fecharam - aos profanos - as portas da iniciação. Nos fecharam as portas do templo nas trombas.

9 - É o momento de registrar, vem a propósito, uma passagem de Jacques Sadoul (in «O Tesouro dos Alquimistas»), um dos muitos divulgadores (vulgarizadores) da Alquimia: «Meu amigo, se Deus o escolheu para esta Arte, ele lhe concederá em tempo útil sua ciência, mas se, em sua sabedoria, ele o julgar impróprio para exercê-la, ou se vê que dela você faz mau uso, bem louco seria o homem que armasse o braço de um ignorante capaz de prejudicar os seus semelhantes». É banal mas muito interessante esta frase que Jacques Sadoul atribui a um Adepto. E com certeza que se liga à Psicostasia, às «várias mortes» que vamos morrendo, aos vários stresses (mais ou menos sazonais), aos vários «golpes de sol» e respectivas consequências de 24 em 24 em 24 em 24 horas, como se estivesse a ser julgado pela deusa Maat. Não sei se passarei no exame. Mas estou - juro! - a fazer alguma coisa por isso. E muito menos sei se «fui escolhido por Deus». Às vezes, acredito que sim: tão sem objectivo e sem concerto e sem sentido foi esta vida de 60 anos, antes e depois da eternidade...

10 - O Adepto, se estás proibido de ensinar - porque teimas em ensinar? Em escrever? Em avisar de que o Ensino é perigoso? Esta pergunta é minha e não a cito de nenhuma parte. Nem a deveria escrever aqui.

11 - Reparo agora que a abordagem da Alquimia feita por psicólogos modernos, nomeadamente por psicanalistas ilustres - como é o caso de Carl Jung (*) - tem uma explicação muito racional, muito linear, de causa-efeito... É que, segundo a Radiestesia Alquímic e sua concepção tripartida Corpo-Alma-Espírito, é na Alma que o processo alquímic se dá. A Radiestesia Alquímic baseia-se em textos egípcios para considerar «9 camadas da alma». E é estudando as «9 camadas da Alma» que o adepto se aproxima da «alquimia da Alma». Compreende-se que, para falarem da Alma, só restasse aos Alquimistas a linguagem dos símbolos. Obrigado.

12 - «O objecto da Alquimia é (...) a transmutação dos metais; transformar metais vis em metais nobres, fazer o ouro e a prata por meios artificiais, tal foi o começo desta singular ciência que não conta menos de 15 séculos de existência...» Esta frase da famigerado Louis Figuier, in «A Alquimia e os Alquimistas», é uma série de enormidades e é, por isso, uma das que mais devem ter contribuído para baralhar as mentes e afugentar os candidatos a Adeptos. Hoje, com a ajuda da Radiestesia Alquímic, os sete metais alquímicos estão aqui ao lado e, durante a crise de stress, dado que não há ânimo para mais nada, fico a brincar com Pêndulo, testando os 7 metais. Não tenho a certeza, mas confio que me há-de ajudar a ultrapassar o stress. A transmutar... Os alimentos com Enxofre, o Cobre para sarar mucosas inflamadas, são outros frágeis pontos de referência. Não estou propriamente a querer transformar o Chumbo em Ouro. Estou a assoar-me pela centésima vez no dia de hoje... E noto que o pingo é bastante ácido. Tento alcalinizá-lo: só não sei se estou a fazer a alquimia que

mereço. Leio: «Os que estudam alquimia, deixando(...) preocupações inferiores, não tardam em descobrir nela uma atracção cuja suavidade não poderia ser descrita.» Gostei da palavra «suavidade», no meio de toda esta aridez verbal...

13 - O «desvio» que os Sopradores imprimiram na tradição hermética não deixa de ter um significado claro para a época em que viemos a cair e onde hoje chafurdamos. Usando a terminologia da Radiestesia Alquímica, os Sopradores significam a queda da Arte Régia no Maga condensado. Não deixa de ser curioso que esse desvio, essa queda tenha dado origem à ciência mais MAGA de todas as ciências - a Química - a mais mortífera, a mais típica deste nosso tempo-e-mundo, deste fim de Século, de Milénio e de Era. Bem me parecia que a encruzilhada dos caminhos passava pela química, a porca maldita.

14 - E o conceito de Laboratório vai mudando de sentido. Vai passando, a pouco e pouco, das poeirentas cavernas dos Sopradores para os níveis da Alma e do Espírito. Como diz a RA, o Laboratório é o Ser Humano. Quando Etienne Guillé descobriu os 7 metais alquímicos na Heterocromatina constitutiva da cadeia de ADN, estava a colocar a Alquimia em outra sede: o ADN vibratório, a célula. No entanto, alguma terminologia iria transitar da alquimia tradicional, que convenceu gerações de que a alquimia se passa em fornos crepitantes... Alguma terminologia passou também: Sal, Enxofre, Mercúrio filosóficos. Ou «Pedra filosofal».

15 - Mas lá que convém ir decantando umas quantas palavras-chave do léxico hermético, não há dúvida. Algumas para uma lista A a Z:

Ácido nítrico
Adeptos
Água régia
Água dos sábios
Água tridestilada
Alambique
Alcool
Almofariz de ágata
Amoroso da ciência
Antimónio
Apostolado alquímico
Arte secreta
Assembleia dos filósofos
Athamor
Cadinho
Campo de forças
Caridoso
Chaves
Ciência hermética
Comparsa químico
Crisol
Crisopeia
Elixir
Enxofre filosófico
Escórias
Espírito universal
Filosofia hispágica
Fogo secreto
Fole

Forno
Fusão
Herético
Iniciados
Iniciáveis
Invejoso
Leite de virgem
Licor
Matéria afastada
Matéria filosófica
Matéria prima
Matéria próxima
Mercúrio
Mercúrio filosófico
Missionário hermético
Modus operandi
Onças de mercúrio
Operador
Orvalho
Ourives
Ouro ordinário
Ouro potável
Magistério
Matéria-prima
Matraz de vidro
Paciência sagrada
Pedra filosofal
Pipa
Prata viva (mercúrio vulgar)
Preparação
Preparação das trevas
Profanos
Pseudônimo hermético
Purificação
Quimera
Sal duplo
Sal filosófico
Sal da sabedoria
Salitre
Segredo alquímico
Sopradores
Tábua hermética
Tintura dos filósofos
Tintura mãe
Tortura
Trabalhos de Hércules
Transmutações metálicas
Via húmida
Via seca

14 - A história contada por Michio Kushi, no ensaio «Transmutações Atômicas», (Guia de Estudo do Instituto Kushi) vem a propósito. Ele faz paródia com a questão de «fabricar ouro». É possível mas pouco rentável. Não dá o curso para a receita, diz ele. O taoísmo, segundo se sabe, é uma das civilizações a reivindicar a sabedoria alquímica. Quando tudo era o Continente Mu, talvez... Quem sabe? (Ver um livrinho precioso que guardo na minha biblioteca: «O Taoísmo e a Alquimia».)

15 - A pergunta sempre oportuna, quando se fala de tradição hermética: «Quem mandou incendiar - e porquê - a biblioteca de Alexandria?». Depois de se lerem os livros de Etienne Guillé, quase vemos porquê.

16 - Episódio a registar: «Tomás de Aquino (aluno de Alberto o Grande) disserta, na «Suma teológica», sobre a questão de saber se a venda de ouro hermético é fraudulenta»!... Sem comentários e com muitas reticências... Um conselho de Basilius Valentinus: «E assim, por este tratado, quis te indicar a abrir a Pedra dos Antigos, que nos veio do Céu para a saúde e consolação dos homens, neste vale de misérias, como o mais alto tesouro terrestre concedido e, para mim, quantas vezes legítimo.» Ainda bem, Basílio, será com a tua ajuda - se é que alguma vez exististe - que eu não quero morrer cego e estúpido.

18 - «Eu sou tudo o que foi, o que é e o que será. Ninguém de entre os mortais levantou o véu que me cobre.» Máxima atribuída a Platão, gravada em uma estela do Templo de Saís.

19 - [] Na sua rudeza, este texto é muito representativo. Leva a uma conclusão clara: a pedra filosofal tem que ser fabricada por cada um e torna-se perigosa quando passada por outro. De acordo com o que a RA ensina, o suporte tem que estar preparado, tem que se ir preparando. E Mumifica com energias de alta frequência, se não estiver preparado para recebê-las. O texto - ao falar de cair unhas, cabelo, etc - é muito expressivo. E o perigo, o famoso perigo da Alquimia, vem daí, unicamente daí: é preciso preparar o suporte para receber, de chapa, a vibração de Deus! De contrário, ele pode transformar-nos em múmias... Toda a prudência no ensino da radiestesia vem daqui. E quando o M.F. me disse que queimasse o Man Drub, era isto o que queria dizer. Aliás, o Filipe não me disse nada de muito diferente, porque o Man Drub foi para um moribundo. Para um vivo, ele fica «perigoso». Mas podia ter devolvido sem o queimar. Esse foi o erro. De que eu julgo estar perdoado. O Men Drub era, afinal, a pedra dos filósofos... ■